



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM LETRAS/INGLÊS

KAMILLA SANTOS BATISTA

EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA: *scientia* do ensino da língua inglesa na fase da gramática no *Trivium*

JOÃO PESSOA

2026

KAMILLA SANTOS BATISTA

EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA: *scientia* do ensino da língua inglesa na fase da gramática no *Trivium*

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Letras - Inglês da Universidade Federal da
Paraíba – UFPB, como requisito parcial
para receber o título de licenciada em
Letras - Inglês.

Orientadora: Profa. Dra Barthyra Cabral
Vieira de Andrade.

JOÃO PESSOA

2026

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B333e Batista, Kamilla Santos.

Educação cristã clássica: scientia do ensino da
língua inglesa na fase da gramática no trivium /
Kamilla Santos Batista. - João Pessoa, 2026.
64 f.

Orientadora: Barthyra Cabral Vieira de Andrade.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2026.

1. Educação cristã clássica. 2. As sete artes
liberais. 3. Trivium. 4. Fase da gramática. 5. Ensino
da língua inglesa. I. Andrade, Barthyra Cabral Vieira
de. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 37:811.111

KAMILLA SANTOS BATISTA

EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA: *scientia* do ensino da língua inglesa na fase da gramática no *Trivium*

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada em Letras - Inglês.

Data de aprovação: 27/03/2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Barthyra Cabral Vieira de Andrade
ORIENTADORA - UFPB

Profa. Dra. Barbara Cabral Ferreira
EXAMINADORA – UFPB

Profa. Dra. Elaine Espíndola Baldissera
EXAMINADORA - UFPB

Profa. Dra. Rafaela Carla de Santos Sousa
SUPLENTE - UFPB

DEDICATÓRIA

Dedico ao Deus que me salvou e à minha mãe.

Trago na memória as idas à igreja na infância. Ela, sem pai e sem mãe, tinha três filhos pequenos para sustentar. Em uma casa pequena e tão simples, com o chão ainda de barro batido, que ela nos educou. Até meus 5 anos, o seu salário não era mais do que 250 reais. Foi inicialmente com lavagens de roupas, faxinas e trabalho como manicure e, depois, como agente de saúde que ela nos alimentou. Às vezes dizia: Não estou com fome. Mas hoje eu leio minhas memórias e o seu olhar e entendo que ela só tinha medo de não termos, na próxima refeição, o que comer. É o tipo de sacrifício que uma mãe faz. Foi tendo crises de pânico diariamente e por longos anos que, no caminho à igreja, ela sentava-se no chão, parávamos e lágrimas eram derramadas nas ruas (ah, se as calçadas falassem ...). Foi assim que, sem muitas palavras, mas com muitas lágrimas, Dona Josefa Fabiana, do seu jeito, ao nos levar para os cultos, sempre tentou nos dizer: o único caminho é Jesus.

É sim, mãe.

E hoje, juntas, vemos a bondade de Deus em todos esses anos e dizemos: “os que com lágrimas semeiam com júbilo ceifarão. Quem sai andando e chorando enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes.” Salmos 126:5-6.

AGRADECIMENTOS

Eu te louvarei com a minha voz; e, se eu perder a minha voz, eu te louvarei com as minhas mãos; e, se eu perder as minhas mãos, eu te louvarei com os meus pés; e, se eu perder os meus pés, eu te louvarei com a minha alma; e, se a minha alma se for, então é porque retornei para casa, para estar com o Senhor. Receba, Jesus Cristo, toda a honra e glória por todos os anos que vivi até chegar aqui e por toda a formação que me deste. Minha profunda gratidão a ti, meu Senhor e Salvador. És o Mestre do saber, o Mestre singular, o que vive para sempre, e, por isso, eu tenho vida.

Minha gratidão à minha querida mãe, Josefa Fabiana. Mãe, a senhora foi e continua sendo o primeiro instrumento usado por Deus para cuidar de mim e me educar; que bênção ter nascido de seu ventre! Minha gratidão por seu amor e zelo. Que Deus a abençoe, mãe, e a recompense pela sua maternidade. Eu te amo.

Minha gratidão à minha querida irmã, Karina Marcela. Gratidão pelo seu grande apoio e encorajamento que sempre me deste, minha irmã, eu te amo. E ao meu querido irmão, Pedro Henrique, que, com seu humor, sempre nos faz rir (rs), eu te amo. Que Deus abençoe muito vocês e que Ele cumpra a obra que tem designado para suas vidas.

Minha gratidão à minha querida tia Antônia Maria. Minha gratidão por seu amor e cuidado que corroboraram para que eu chegasse até aqui. Que Deus te abençoe minha tia, eu te amo.

Minha gratidão à minha amiga, Aissa Victória. Uma amizade concedida pelo Senhor que nos proporcionou tantos momentos especiais durante a graduação. É um grande prazer conhecê-la, estudar e trabalhar com você. Que o Senhor te abençoe.

Minha gratidão a outros familiares e à minha congregação, em especial ao pastor Daniel e à sua esposa, a missionária Josenilda. Minha gratidão também a outros irmãos na fé que fizeram parte dessa trajetória, encorajando e intercedendo. Que o Senhor vos abençoe muito.

Há pessoas que o Senhor escolhe para trazer incentivo para nossas vidas, e uma dessas pessoas é minha querida orientadora, Dra. Barthyra Cabral. Lembro-me de vê-la lecionar e de seu amor por ler leis e outros documentos (rs); isso me impressionou desde o início. Como ela ama fazer o que faz, isso reflete nitidamente em sua prática de ensino, além de seu excelente humor, que faz todo mundo rir (rs). A senhora é muito especial. Minha gratidão por sua disposição, por sua maestria em me orientar durante a escrita deste trabalho e por seu zelo. Que o Senhor a abençoe e que a recompensa venha das mãos do Senhor.

Minha gratidão à banca, que, com disposição, aceitou o convite para contribuir de forma significativa com o presente trabalho e com a minha formação. Gratidão à Dra. Barbara Cabral, à Dra. Elaine Espíndola e à Dra. Rafaela Sousa. Gratidão aos demais professores da Universidade Federal da Paraíba. Que as misericórdias do Senhor estejam sobre a vida de todos vocês.

Minha gratidão a outra pessoa tão querida que me encorajou, Letícia Ruiz. Minha gratidão por suas capacitações que carregam tanto da essência de Cristo em sua postura e em suas palavras e que me faziam todas as vezes refletir muito além da educação. Minha gratidão por cada ensino, que o Senhor te abençoe e que a senhora permaneça exalando o bom perfume de Cristo por onde passares.

Minha gratidão ao meu querido coordenador, Calebe Braga. Com suas capacitações e enorme senso de humor (rs) me ensinou tanto e ainda ensina. Você é um coordenador notável. Minha oração é para que Deus te abençoe e o capacite cada dia mais.

Minha gratidão aos meus alunos e às minhas alunas, que enchem meus dias de alegria. O Senhor usou vocês para me inspirar a escrever sobre esse tema. Minha oração é que vocês cresçam sempre na graça e no conhecimento do Senhor. Ms. Santos/Tia Kamilla sente grande alegria por acompanhar o crescimento de vocês.

Minha gratidão a toda a Cidade Viva Academy, que foi um instrumento de Deus usado para me formar e me capacitar. Que Deus faça prosperar a obra das mãos de cada um e que vidas sejam alcançadas para o Reino de Deus. Minha oração é para que, verdadeiramente, saiam desta academia vidas que vão transformar muitas áreas da sociedade e serão instrumentos de justiça e retidão nas mãos do Senhor.

Pois o Senhor é, e tudo mais é nada.

RESUMO

Este trabalho reflete sobre a Fase da Gramática, inserida no *Trivium* dentro da Educação Cristã Clássica. Objetivou-se explicar como o ensino da língua inglesa é apresentado na Educação Cristã Clássica, especificamente nessa fase. Os objetivos específicos foram: Diferenciar Educação Cristã de Educação Clássica; apresentar o que é o *Trivium* e a Fase da Gramática na Educação Clássica; expor a relevância de iniciar o ensino da língua inglesa na Fase da Gramática; evidenciar características do ensino da língua inglesa na perspectiva da Educação Cristã Clássica. Quanto à metodologia, realizei uma pesquisa de natureza básica e de cunho bibliográfico e descritivo. Utilizei autores como: Clark; Jain (2021), Sayers (2023), Wilson (2018) e outros com o propósito de responder às seguintes perguntas: Qual a diferença entre Educação Cristã e Educação Clássica? O que é o *Trivium* e a Fase da Gramática? Por que é significativo começar o ensino da língua inglesa na Fase da Gramática? Como as características do ensino da língua inglesa são apresentadas na perspectiva de uma Educação Cristã Clássica? À vista do que foi estudado e apresentado, compreendo que a Educação Cristã Clássica mostrou ser o caminho educacional que deve adotado, inclusive no ensino da língua inglesa.

Palavras-chave: Educação Cristã Clássica; As Sete Artes Liberais; *Trivium*, Fase da Gramática; Ensino da Língua Inglesa.

ABSTRACT

This paper reflects on the Grammar Phase, included in the *Trivium* within the Classical Christian Education. It aimed to explain how the teaching of the English Language is presented in Classical Christian Education, specifically in this phase. The specific objectives were: to differentiate Christian Education from Classical Education; to present what the *Trivium* and the Grammar Phase in Classical Education are; to expose the relevance of starting the English Language teaching from the perspective of the Classical Christian Education. Regarding to methodology, I conducted research of a basic nature and bibliographic type, with a descriptive approach. I used authors such as Clark; Jain (2023), Sayers (2023), Wilson (2018) and others with the purpose of answering the following questions: what's the difference between the Christian Classical Education and the Classical Education? What's the *Trivium* and the Grammar Phase? Why is it significant to start teaching the English Language on the perspective of the Classical Christian Education? In view of what has been studied and presented, I understand that the Classical Christian Education has proven to be the educational path that should be adopted, including the teaching of the English language.

Keywords: Classical Christian Education; The Seven Liberal Arts; *Trivium*; Grammar Phase; English Language Teaching.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ênfase das artes no Trivium: abordagem paradigmática ou da “ferramenta”.....	30
Quadro 2 – As Artes do Trivium como Fases do Desenvolvimento da Criança.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DA EDUCAÇÃO CLÁSSICA À EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA.....	14
2.1 As artes liberais.....	16
2.2 O <i>Trivium clássico</i>	27
2.3 O <i>Trivium aplicado</i>	30
2.4 O <i>Trivium bíblico</i>	35
2.5 A Fase da Gramática.....	39
3 A EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA.....	43
3.1 A <i>paideia</i> do Senhor.....	46
4 METODOLOGIA.....	51
5 O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO BRASIL E O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA.....	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

“Todas as verdadeiras transformações começam no interior e progridem para fora”. (Bluedorn; Bluedorn, 2016, p. 23).

Desde os primórdios, o ser humano procura uma forma de se comunicar (Petter, 2010, p. 12) com os outros e de analisar o mundo a sua volta para compreender os inúmeros fatores culturais, sociais, políticos, científicos, linguísticos, entre outros. Sendo a comunicação extremamente relevante, o ensino e aprendizagem de línguas, tem seu impacto sobre os indivíduos e sobre a sociedade em geral. A educação, em sentido amplo, é parte fundamental da vida humana em uma sociedade cada vez mais caleidoscópica (Perrin, 2018, p. 7).

A Linguística, por sua vez, é a ciência que desenvolve estudos sobre a linguagem humana, que é “a capacidade que apenas os seres humanos possuem de se comunicar por meio de línguas” (Martelotta, 2024, p.16) e, evidentemente, também estuda as línguas, entendidas aqui como “um sistema de signos vocais utilizado como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística” (Martelotta, 2024, p. 16). Nessa linha de raciocínio, de acordo com Joseph (2008, p. 38) “Há somente dois modos possíveis de comunicar ideias através de um meio material - por imitação ou por meio de um símbolo”. Símbolo, então, de acordo com a mesma autora (2018, p. 38), refere-se a “um signo sensível arbitrário cujo significado é imposto a ele por convenção”. Um signo é sensível porque pode ser percebido pelos sentidos.

Dentro do campo de estudo da Linguística, temos análises de teorias e aplicações de metodologias para auxiliar nesse processo de compreender as línguas e seu funcionamento, como elas se relacionam ou mesmo como uma pessoa aprende uma língua estrangeira. Ao professor de línguas estrangeiras interessam essas teorias em razão de que ele pode refletir sobre suas práticas de ensino e sobre o processo de aprendizagem dos alunos, independentemente da perspectiva educacional em que ele esteja envolvido.

A temática estudada neste trabalho é a Educação Cristã Clássica e o ensino da língua inglesa na Fase da Gramática no *Trivium*, e a escolha desse tema é substancial para mim. Em

primeiro lugar, por ser protestante e por ter minha cosmovisão¹ fundamentada nas Santas Escrituras. Em segundo lugar, por trabalhar em uma Escola Cristã Clássica, que fundamenta seus valores, princípios e visão de Ensino e Educação primariamente na Bíblia Sagrada. Outrossim, observo diariamente onde trabalho como as crianças desenvolvem habilidades no idioma inglês de forma ágil e simultaneamente a esse ensino, com muita naturalidade. Além disso, demonstram expressamente ternura e consideração com o processo de ensino de línguas em que estão envolvidas e respeito para com as autoridades inseridas neste processo de aprendizagem. Eu compreendo que isto acontece pela valorização de um ensino baseado em um fundamento sólido. Ademais, esta escola tem como modelo de ensino a apreciação e aplicação do Ensino Cristão Clássico que constrói seus estudos com base nas Artes Liberais, isto é, o *Trivium* e o *Quadrivium*.

Logo, tenho a oportunidade de me inserir, ao realizar essa pesquisa, no grupo daqueles que com clareza, seriedade e afeição pessoal já se empenham em investigar este modelo de ensino educacional, que tem impressionado e trazido reflexões sobre o cenário atual de educação e ecoa, conseqüentemente, em um paralelo indissociável, a moral humana.

Por fim, posso por meio deste trabalho, convidar outros, especialmente professores de línguas estrangeiras, que até então desconhecem este modelo de ensino, a investigar e pensar os caminhos que a educação brasileira atual tem seguido e como, diante do cenário precário e difícil ainda podemos fazer o retorno e apreciar novamente o ensino de línguas no Brasil, mas tão somente, com a graça e a misericórdia de Deus.

Sob essa ótica, o objetivo geral deste trabalho é explicar como o ensino de língua Inglesa é apresentado na Educação Cristã Clássica, especificamente dentro do *Trivium* na Fase da Gramática².

Quanto aos objetivos específicos, o presente trabalho visa:

- 1 Diferenciar Educação Cristã de Educação Clássica;
- 2 Apresentar o que é o *Trivium* e a Fase da Gramática na Educação Clássica;
- 3 Expor a relevância de iniciar o ensino da língua inglesa na Fase da Gramática;

¹ Entende-se por cosmovisão, primeiro, aquilo que está “Relacionada com as crenças religiosas mais básicas, abrangentes e fundamentais que temos acerca do mundo tal como estão incorporadas em uma narrativa.” (Goheen; Bartholomew, 2016, p.20). Segundo, “se o evangelho é uma cosmovisão, então se aplica a todos os aspectos da vida, incluindo a educação”. (Goheen ; Bartholomew, 2016, p.15). E, por fim, toda essa visão tem como base as Escrituras. Ela é a autoridade máxima.

² Vale ressaltar que embora o leitor possa ter ácie para observar traços de algumas abordagens e metodologias que sejam familiares, assim como compreender aspectos da Educação Clássica que estão presentes neste trabalho, esclareço para o leitor que o ensino de Língua Inglesa defendido no texto é pensando no viés da Cosmovisão Cristã, ou seja, é ensinar a língua tendo como base a Palavra de Deus, os valores e os princípios cristãos.

4. Evidenciar características do ensino da língua inglesa na perspectiva da Educação Cristã Clássica.

Isto posto, as perguntas norteadoras deste estudo são as seguintes:

- 1 Qual é a diferença entre Educação Cristã e Educação Clássica?
- 2 O que é o *Trivium* e a Fase da Gramática?
- 3 Por que é significativo começar o ensino da língua inglesa na Fase da Gramática?
- 4 Como as características do ensino da língua inglesa são apresentadas na perspectiva da Educação Cristã Clássica?

Este trabalho está organizado em 6 capítulos. O primeiro é este capítulo introdutório que apresenta a temática, justificativa, objetivos gerais e específicos e a organização da pesquisa. O segundo capítulo trata sobre a Educação Clássica e as Sete Artes Liberais, dando ênfase ao *Trivium* (*Trivium Clássico*, *Trivium Aplicado* e *Trivium Bíblico*) e à fase da gramática. O capítulo seguinte expõe a Educação Cristã, fazendo-a conhecida e notória acima de qualquer outra forma de ensino. O quarto capítulo descreve os aspectos metodológicos do trabalho. O quinto capítulo, por sua vez, faz um breve histórico do ensino de línguas no Brasil e, em seguida, expõe as características do ensino de língua Inglesa na perspectiva da Educação Cristã Clássica. Por fim, as considerações finais apresentam de que forma compreendo, após a pesquisa, a temática e como ela pode contribuir ainda mais para a minha atividade enquanto professora e de outros professores, se assim o desejarem.

No capítulo a seguir, apresento ao leitor os fundamentos da Educação Cristã Clássica, as artes liberais e o *Trivium*. Conjuntamente, recomendo ao leitor examinar, refletir, criticar e apreciar este modelo educacional que tem ressurgido e ensinado a todos quanto se debruçam em estudá-lo.

2 DA EDUCAÇÃO CLÁSSICA À EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA

“Tudo que não confessa Jesus Cristo como Senhor necessariamente o nega, ainda que não diga nada.” (Bluedorn; Bluedorn, 2016, p. 21)

A questão da linguagem humana se constitui como um processo complexo que envolve a interação social e o desenvolvimento neurobiológico. Desde a primeira infância, a habilidade de se comunicar torna-se cada vez mais desenvolvida na criança. Consoante Joseph (2008, p. 37) “A função da linguagem é tripla: comunicar pensamento, volição e emoção.” No entanto, hoje já sabemos que falar sobre linguagem é muito mais que falar em uma simples representação do pensamento, já que a linguagem funciona como um dos elementos de desenvolvimento cognitivo dos indivíduos (Fiorin, 2010).

Desde a tenra idade desenvolvemos um aparato capaz de reconhecer e construir conhecimento sobre o uso das palavras e dos seus respectivos significados que se tornam imprescindíveis para uma comunicação eficaz.

Em vista disso, é preciso compreender nesse contexto o que se quer dizer quando o termo “clássico” é exposto no contexto da Educação Clássica. Há muitos que quando ouvem o termo “Educação Clássica” podem associá-la a uma educação baseada na punição, na palmatória ou considerá-la ultrapassada/antiquada, como destaca Wilson (2021, p. 149): “A depender da perspectiva do leitor, a palavra *clássica* pode ter conotações boas ou ruins. Poucos reagem ao termo com apatia”. Todavia, a Educação Clássica, refere-se a um modelo educacional que foi instituído e aplicado por séculos, sendo oriundo das civilizações Grega e Romana.

Ambas foram fortes precursoras de sistemas complexos instaurados na sociedade. A Grécia Antiga foi o berço da arquitetura, principal responsável pela criação da *pólis* (cidade-estado), estrutura social que influencia até hoje a sociedade contemporânea. Roma ficou conhecida por suas arquiteturas e forte poder militar. Ademais, tanto o idioma Grego como o Latim tiveram grande influência na criação de outros idiomas existentes. Tanto a Grécia como a civilização Romana, de acordo com Perrin (2018, p. 11), “nos legou arte, arquitetura e mitos clássicos, sem contar as línguas clássicas, grego e latim”.

Sem embargo, o clássico não está apenas relacionado ao modelo educacional fundado por esse berço civilizacional. Entende-se como clássico também, um sistema de ensino que se mantém firme ao longo de séculos. Conforme Perrin (2018, p. 11) “Podemos, assim, usar o termo Educação Clássica para não só fazer referência às práticas educacionais dos gregos e dos romanos, mas também à educação autoritária,³ tradicional, duradoura e excelente.” Em outras palavras, a educação que se mantém fiel a esses princípios, é clássica.

Logo, pode-se interpretar dentro da Educação Clássica, que “A palavra *clássico* é positiva, referindo-se a algo exemplar que tem **valor reconhecido ou que representa um padrão exemplar**.” (Goheen e Bartholomew, 2016, p. 116, grifo meu). Além disso, a Educação Clássica é, em essência, a aplicação do *Trivium*, como cita Perrin (2018, p. 12): “Considero útil referir-se à educação clássica como uma forma de ensino baseada no *trivium*”.

Diante do exposto, é importante evidenciar que a literatura humanista faz parte desse processo, pois entende-se humanista na educação clássica “alguém que estuda as chamadas “humanidades”, sobretudo a literatura clássica greco-romana.” (Bluedorn; Bluedorn, 2016, p. 19). Nesse panorama, a literatura humanista são os estudos das literaturas clássicas, como obras de Cícero ou César. Contudo, a compreensão de que o clássico é apenas isso também é errônea, dado que essa seria apenas uma educação clássica humanista. Em conformidade com os Bluedorn:

Definimos a “educação clássica” de modo mais estrito. Buscamos e aplicamos o modelo e o método clássicos da educação - o *trivium*. Em outras palavras, conseguimos nos adequar à moldura clássica - ao estilo clássico, mas temos somente interesses incidentais nos antigos materiais clássicos - a literatura humanista. Não queremos aprender línguas, lógica e retórica para que possamos ler de verdade *Homero*, e *Virgílio*, pensar como *Aristóteles* e *Sêneca* e falar como *Demóstenes* e *Cícero*. Queremos aprender língua, lógica e retórica para que possamos realmente *ler, pensar e falar* - ponto! (Bluedorn; Bluedorn, 2016, p. 20).

Neste aspecto, o retorno à Educação Clássica objetiva a maestria no falar, ler, escrever e no pensar, usando o *Trivium* com o propósito singular de glorificar a Deus, no caso da Educação Cristã Clássica.

³ É importante salientar que a palavra “autoritária” nesse contexto faz referência a origem no latim *auctoritas* que significa autoridade e não autoritarismo. No primeiro caso, o respeito é o que rege as decisões da autoridade, sendo alguém estimado e inspirador. No segundo, a imposição da força de modo coercivo e controlador.

Vale destacar que o *Trivium* foi a base fundamental utilizada pelos filósofos antigos e por outros pensadores eruditos que foram importantes nomes da história, como Santo Agostinho, Tomás de Aquino, C.S. Lewis e outros.

Na contemporaneidade, o sistema de Educação Clássica ainda não está expandido como já foi um dia, mas apesar de ser um modelo de ensino antigo e não muito enfatizado no contexto educacional geral do Brasil hodiernamente, nunca foi esquecido. Acreditamos que esse é um aspecto que evidencia sua eficiência. Ele é duradouro, autoritário e, quando empregado, é de excelente qualidade. Esse processo de retomada de uma educação que valorize o clássico está em harmonia com Perrin, quando em sua obra “Introdução à Educação Cristã Clássica” (2018, p. 9) aponta para a origem da palavra revolução. Perrin diz:

A palavra revolução vem do latim *re-volvere* - *re-volver* ou *retornar*. Revolução é aquilo que chega e passa, que, novamente, vem e vai. Na mesma linha de pensamento, C.S. Lewis disse que, quando perdemos o rumo, o jeito mais rápido de reencontrar-se é voltando para casa. Nosso caso é o mesmo. Estamos retornando, estamos *revolvendo*.

Como toda reconstrução tem seu tempo, é preciso continuar para a glória de Deus, pois “Recuperar a educação clássica é uma questão de coletar os destroços e reparar as ruínas” (Perrin, 2018, p. 15). Adicionalmente, é na Educação Clássica, que estão cunhadas as Sete Artes Liberais, divididas em *Trivium* e *Quadrivium*, que serão explicadas nas próximas páginas.

2.1 Artes liberais

Em primeiro lugar, é relevante compreender o porquê do nome “Artes Liberais.” Como bem menciona Clark e Jain (2021, p. 33) “Alguém pode perguntar: o que são as artes?”. Baseado nesse questionamento central abordado por eles, os autores respondem:

(...) Segundo Aristóteles, *scientia* (ciência) é um corpo de conhecimento justificado pela razão que pode encontrar-se somente no intelecto. **Mas uma arte é uma imitação (ação) unida à razão, ou uma ciência unida à prática. Resumidamente,**

uma arte é uma habilidade. Portanto, o que são as artes liberais? As artes liberais são as sete únicas habilidades usadas para criar e justificar a *scientia*⁴. (grifo meu)

Os autores Clark e Jain (2021, p. 66), aprofundam-se mais na questão. Ao aludir sobre as “Artes Liberais”, eles manifestam:

As artes eram diferentes. Um dos padrões antigos na educação era que *a imitação precede a arte*. Só se podia alcançar uma arte a partir de um extenso fundamento na ação e na imitação formadoras dos hábitos cultivados. Assim, a fim de aprender a arte do ferreiro, dever-se-ia imitar um ferreiro por certo tempo. Para aprender a arte da lira, tinha-se que primeiramente praticá-la de forma imitativa. Mas uma arte demandava mais que simples imitação. **Uma arte despontava somente quando a imitação se associava a razão.** (grifo meu)

Em outras palavras: “As artes liberais denotam os sete ramos do conhecimento que iniciam o jovem numa vida de aprendizagem” (Joseph, 2008, p. 27). Os ramos são três no *Trivium* e quatro no *Quadrivium*, totalizando sete artes cujo propósito é construir no aprendiz a capacidade de ser livre⁵.

Entende-se na Educação Clássica, que a responsabilidade de ensinar não é do Estado e sim dos pais, uma vez que foi a esses que Deus delegou essa tarefa. Na história, por séculos, quer seja na educação hebraica, egípcia, grega ou romana, em todas elas, os pais tinham a primazia na educação de seus filhos. Contudo, diante do cenário atual, a compreensão dentro dessa perspectiva é que a escola pode ser apenas um guia para ajudar os pais nessa missão, porém jamais substituí-los.

Ademais, na Antiguidade, vê-se que a educação só poderia ser educação se houvesse no indivíduo um grande interesse em aprender e para o cultivo desse interesse o aluno precisaria ser moldado na estrutura central do *Trivium*, que é o tripé que ensina o aluno a aprender a aprender. Nesse viés, considerando o sistema de ensino atual no prólogo do livro de Joseph sobre o *Trivium*, temos que:

⁴ É indispensável mencionar que o entendimento da ciência para os antigos “**era a busca pela verdade. Hoje a busca da ciência é quase a mesma coisa que a busca da tecnologia. Se algo funciona, então é verdadeiro. Essa é a noção utilitarista da verdade.**” (Clark; Jain, 2021, p. 35, grifo meu). Além disso, Clark e Jain (2021, p. 36) dizem que se a ciência é vista apenas como algo que envolve tecnologia, então o seu cerne é o governo sobre as coisas. “**Ela não se importa com o que uma coisa é e com o propósito que tem na criação mais ampla de Deus.**” (2021, p.36, grifo meu). Isso inclui os seres humanos. Se hoje vivemos e amanhã morreremos, se não há propósito, se não existe uma essência de onde todas as coisas vem e para onde todas estão caminhando, então isso só resulta em uma coisa: desordem total.

⁵ Não me refiro à “livre” na ideia de libertinagem, mas a liberdade produzida pela capacidade racional de tomar decisões baseado em verdades absolutas antes desenvolvidas pelas artes liberais.

Como se vê, vamos decifrando o mistério à medida que desprezamos a falsa equação entre ensino e educação. O sistema de ensino não produz educação porque está ocupado demais em produzir documentos. A educação terá de ser buscada preferencialmente alhures, fora do sistema. É claro, sempre haverá um professor ou outro que, valendo-se da apatia do sistema, dará, por sua própria conta, aulas magistrais e educará de fato, contanto que seus alunos o desejem, o que, obviamente, nem sempre é o caso. (Monir, 2008, p. 13).

Nessa perspectiva, a educação deve ser buscada livremente pelo indivíduo para prosperar, pois se esse não quiser ser livre e por isso o termo “liberal” do Latin *liber* - que significa livre, então ele estará preso, buscando apenas algum documento (diploma ou alternativa certificação), tratando da educação com um viés apenas utilitarista, além de manter-se na dependência completa de um professor para aprender - “A educação prospera mais quando é buscada livremente” (Monir, 2008, p. 14). Estar preso, nesse sentido, seria buscar toda forma de conhecimento (achando que está livre quando o faz), ou expelir opiniões achando que isso é pensamento crítico. Nem tudo que é oferecido como ensino atualmente é saudável do ponto de vista da Educação Clássica.

O *Trivium* refere-se, portanto, ao cruzamento entre três caminhos ou entre três vias. E está relacionado tanto às três artes (gramática, lógica e retórica) como reflete também a ideia de acessibilidade que todos podem ter, como em um cruzamento de estradas, metaforicamente explicando, ou seja, todos podem conhecer (Joseph, 2008, p. 27). Ante o exposto, o *Trivium* consiste das três artes:

Da eloquência três são as partes: escrever corretamente e corretamente pronunciar o que está escrito (é isto o que ensina a gramática); saber demonstrar o que se pretende demonstrar (é isto o que ensina a dialética), ornar as palavras e as sentenças (é isto o que ensina a retórica). Começa-se, portanto, com a Gramática, avança-se na Dialética e, em seguida, na Retórica. (Manacorda, 2001, p. 126).

O *Quadrivium*, por sua vez, refere-se ao cruzamento entre quatro caminhos ou entre quatro vias. Compreende o estudo dos números e tem como centralidade os seguintes campos: astronomia, aritmética, música e geometria. Em outras palavras, para ficar ainda mais claro, outra versão detalhada concedida por Joseph (2008, p. 27):

O *trivium* inclui aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à mente, e o *quadrivium*, aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à matéria. Lógica, gramática e retórica constituem o *trivium*; aritmética, música, geometria e astronomia constituem o *quadrivium*. A lógica é a arte de pensar; a gramática, a arte de inventar símbolos e combiná-los para expressar pensamento; e a retórica, a arte de comunicar pensamento de uma mente a outra, ou de adaptar a linguagem à circunstância. A aritmética, ou teoria do número, e a música, uma aplicação da teoria do número (a medição de quantidades discretas em movimento), são as artes da quantidade descontínua ou número. A geometria ou teoria do espaço, e a astronomia, uma aplicação da teoria do espaço, são as artes da quantidade contínua ou extensão. (Joseph, 2008, p. 27).

A concepção central das Sete Artes Liberais da Idade Média é que uma vez treinada a mente com o *Trivium*, o aluno estaria apto a prosseguir com uma educação liberal, ou seja, escolher áreas do conhecimento do *Quadrivium* para se dedicar.

Vale ressaltar, porém, que nem todas as áreas do conhecimento eram consideradas liberais. Por exemplo, na época medieval, o ensino liberal superior poderia ser limitado às seguintes áreas: medicina, teologia e direito canônico, como alude Monir: “As profissões de ordem arsenal, como construção civil, não eram liberais, mas associadas à corporações de ofício.” (2008, p.15). Não eram consideradas liberais, uma vez que, em um ofício como engraxador de sapato, carpinteiro, padeiro e outros, a arte aqui se limita apenas a imitação, o trabalhador apenas imita, o que o torna prisioneiro de sua obra, é isso que ele sabe fazer. O engraxador de sapatos não precisa saber da composição dos elementos da graxa ou o carpinteiro das composições da árvore para produzir uma mesa e nem o padeiro precisa estudar os elementos do pão para fazer pão, eles só precisam imitar. O que difere da ciência, que vai além da imitação (Monir, 2018).

Por conseguinte, uma vez compreendidas As Sete Artes Liberais, *Trivium* e *Quadrivium* e seus conceitos, é significativo relembrar alguns acontecimentos históricos que foram cerne para a construção da contemporaneidade.

Como já mencionado, a Educação Clássica foi a forma de educação utilizada na antiguidade, especialmente pelos gregos e romanos. Contudo, antes mesmo dessas estruturas mais antigas, é importante destacar que a educação dos gregos e romanos, foi fortemente influenciada por uma anterior, a educação egípcia.

Manacorda (2001, p. 41) menciona: “Na Grécia encontraremos, embora com características diferentes, aspectos da educação do antigo Egito, que nos foram transmitidos e interpretados por autores gregos.” E mesmo tão antiga, essas sociedades eram amplamente desenvolvidas. Isso se dá pelo fato de que para cada atividade eram ensinados conhecimentos específicos (Manacorda, 2001, p. 10).

É também no Egito antigo que a valorização da arte da palavra escrita e falada e dos números eram ensinados. Quanto às artes matemáticas, Manacorda diz: “a geometria, para a medição dos campos, a astronomia, para o conhecimento das estações, e, especialmente, a matemática, que é o instrumento básico de uma de outra” (2001, p. 10). Quanto à arte da palavra: “consiste em se referir exatamente às coisas, sem acrescentar ou esquecer nada, falando a linguagem dos grandes”. (2001, p. 24). Essas características fizeram parte da construção de civilizações que, historicamente falando, foram muito desenvolvidas arquitetônica e, organizacionalmente.

Importa frisar que características educacionais egípcias são possíveis de serem analisadas no *Trivium* e *Quadrivium*. Além do mais, é na educação egípcia que os ensinamentos passados de pais para filhos, os ensinamentos geracionais ou a sabedoria antiga também eram valorizados, além da inseparabilidade do ensino moral (Manacorda, 2001).

Mesmo sendo possível observar essas particularidades na aplicação da Educação Clássica atualmente, seguimos novamente para a Grécia Antiga e Roma. Como já mencionado, a Grécia e Roma foram relevantes para a construção de muitas comunidades na história. A Grécia Antiga é conhecida pela valorização da arte da palavra, enquanto Roma considerava uma educação baseada nas virtudes e na preparação para a guerra. O modelo educacional Grego foi estabelecido como:

Primeiro, pais, nutriz e pedagogo; em seguida a recente figura do gramático; o citarista e o pedotriba, em escolas privadas abertas ao público; enfim, aos cuidados da cidade, a aprendizagem das leis, isto é, dos direitos e deveres do cidadão. Esta é a carreira educativa nas escolas de Atenas em particular, e presumivelmente, também nas outras cidades. (Manacorda, 2001, p. 53).

É válido salientar, que os pais, na educação grega, também tinham contribuições primárias na educação dos seus filhos e outro ponto a levantar, é que a educação grega, assim como a romana, era limitada a um público da sociedade. Apenas com os cristãos na Alta Idade Média é que a educação vai se tornar acessível à coletividade - “o cristianismo, fundado na tradição hebraica, marca uma nítida separação da antiga tradição que excluía as classes populares da instrução” (Manacorda, 2001, p. 115).

Na Grécia e em Roma, assim como no Egito, eram poucos que tinham acesso à educação, pelo menos a que envolvesse o todo do homem, a *paideia* grega⁶. Dessa maneira, enquanto a Grécia Antiga estava mais focada no estudo da palavra, os Romanos se fortaleceram no poder militar e em uma educação virtuosa.

Em Roma, a educação moral, cívica e religiosa, aquela que chamamos de inculturação às tradições pátrias, tem uma história com características próprias, ao passo que a instrução escolar no sentido técnico, especialmente das letras, é quase totalmente grega. (Manacorda, 2001, p. 73).

Os primeiros a educar em Roma também eram os pais. Pai e mãe tinham um papel fundamental na educação dos filhos, e inclusive, só a partir dos 7 anos é que uma criança frequentava a escola para se preparar fisicamente para a carreira militar. (Manacorda, 2001, p. 76). No entanto, depois de alguns anos, o ensino da gramática, lógica e retórica que foram tão enfatizadas pelos gregos na *pólis*, também foi aceito e introduzido pelos Romanos. Essas duas civilizações consolidaram-se e tiveram forte influência sobre o que é o *Trivium* e o *Quadrivium* - As Sete Artes Liberais.

Com o passar dos séculos, a Europa enfrentou um outro período, conhecido como Idade Média. Essa fase na Europa afetou todas as áreas da civilização europeia, incluindo a retomada da valorização do Clássico pela igreja no que concerne à Educação. Sendo assim, é durante o período medieval que, conforme Perrin (2018), o currículo do *Trivium* é fixado. De acordo com Manacorda (2018):

E mais tarde, durante a Idade Média (500-1460 d.C), a grande variedade de disciplinas e abordagens presente nos gregos e romanos foi analisada e, por consequência, inserida numa forma, numa didática mais sistemática e consistente. O currículo do *Trivium* (que significa “três caminhos”, “três vias”), formado pela gramática, lógica e retórica, estabeleceu-se formalmente durante esse período, bem como sua contraparte, o *quadrivium* (“quatro caminhos”, “quatro vias”), estruturado pela astronomia, aritmética, música e geometria. As palavras *trivium* e *quadrivium* foram cunhadas na Idade Média, não durante o período dos gregos e romanos. (Manacorda, 2018, p. 12)

⁶ O termo será retomado e explicado no capítulo que fala sobre a Educação Cristã Clássica.

Dessarte, é válido destacar que isso resultou em contribuições fundamentais para o processo educacional - a consolidação das Sete Artes Liberais já mencionada no início do capítulo. Como exposto, há uma divisão em dois campos: o *Trivium* e o *Quadrivium*, e vale ressaltar que esses dois termos foram nomeados apenas durante a Idade Média.

É na Idade Medieval e no século XVI, com o início da Reforma Protestante, que a Educação Cristã Clássica terá ascendência. Segundo Perrin (2018, p. 20): “O estudo da teologia⁷ foi adicionado às sete artes liberais como coroa de todas as disciplinas ou “rainha das ciências”. Seus principais precursores foram: Martinho Lutero, Tomás de Aquino e João Calvino, importantes teólogos pós Era medieval. A teologia assume o lugar de centro da educação, une todas as disciplinas colocando a Bíblia como núcleo de todas as ciências - nada pode ser ensinado à parte das Escrituras e nada faz sentido, se assim for.

Pode-se ensinar tudo a partir da Palavra de Deus. Ela estabelece a autoridade da educação. As Escrituras devem ser o fundamento de todos os estudos, o guia para todos os estudos e o teste final para todos os estudos. Dele, por ele e para ele são todas as coisas. A palavra de Deus contém, em forma de semente, todo o necessário para educar o homem de forma completa: todos os verdadeiros princípios, todos os valores dignos, todos os objetivos corretos. Qualquer outro ensinamento deve ser posto em conformidade com a Palavra de Deus. (Bluedorn; Bluedorn, 2016, p. 28 e 29).

Após a Idade Medieval houve o surgimento do Renascimento, mencionado por Perrin:

No fim do período medievo, a educação começou a decair (a tão famosa *Idade das Trevas*), realidade que exigiu o Renascimento (c.1350-1600 d.C), que foi, entre coisas mais, um chamado a outra vez olhar para o aprendizado e a sabedoria do passado - ad fontes, de volta às fontes, aos fundamentos. (Perrin, 2018, p. 13).

Na retomada do Renascimento, a Reforma Protestante (1517-1700 d.C), outro período singular apresentado na história, tornou-se visível. A Reforma não teve apenas implicações religiosas, mas também educacionais. Ambas estão inexoravelmente interligadas.

7 (...) a teologia bíblica busca enunciar a unidade das Escrituras de acordo com as categorias das próprias Escrituras, como aliança e reino. (Goheen; Bartholomew, 2016, p. 56).

Foi um movimento complexo que, embora centrado no avivamento espiritual, também continha esse elemento de retorno às fontes antigas de sabedoria, com especial ênfase no retorno à autoridade e ao ensino das Escrituras. (Perrin, 2018, p. 13).

Por fim, antes de chegar ao progressismo atual, houve o Iluminismo, movimento que fez do intelecto do homem o seu próprio deus e passou cada vez mais a retirar a autoridade Bíblica da educação. Foi um movimento “Marcado pela renúncia da autoridade das Escrituras e da igreja, ato que levou à fidelidade ao poder do intelecto inato do homem.” (Perrin, 2018, p. 13). O núcleo dessa retirada, como compreendo e como visto dentro da Educação Cristã Clássica, é que não existe neutralidade na educação, o ser humano só decidiu nesse processo adorar a si próprio, e que coisa terrível é fazer da *per se* um deus, quando na verdade nem um só palmo da vida o ser humano tem poder de acrescentar a si mesmo ou ao próximo. Que deus fraco decidiram levantar para idolatrar.

Mais de um século atrás, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche⁸ (1844-1900) contou a deprimente parábola de um louco que faz a assustadora acusação de que matamos a Deus: “*Nós o matamos - você e eu*” Todos nós somos seus assassinos.” ... **“Como encontraremos consolo para nós, os piores dos assassinos” o louco indaga.** “Não deveríamos nós mesmos nos tornarmos deuses, para ao menos parecermos dignos disso?” Aqui o louco tem razão no que afirma, pois, se Deus não existe, então não existe criador algum para dar o sentido da vida humana, para ordenar a criação e para estabelecer normas universais de certo e errado. Se Deus está de fato morto, então cabe aos seres humanos assumir o papel do criador: eles precisam definir os propósitos da vida; precisam estabelecer ordem; precisam decidir o que é certo, verdadeiro e bom. Além disso, se Deus não existe, não há nenhum Regente soberano para dirigir a história rumo ao seu objetivo, para lhe dar significado. A humanidade, ao que parece, também precisa assumir essa tarefa. E por fim, se não existe Deus e, por conseguinte não há Salvador para libertar nosso mundo do mal, então é tarefa da humanidade salvar-se a si mesma. *Como o Manifesto humanista I* expressa a questão, “O homem [...], e mais ninguém, é responsável pela concretização do mundo de seus sonhos [e] tem dentro de si a capacidade de sua realização. (Goheen; Bartholomew, 2016, p. 112, grifo meu).

Além disso, o humanismo atribui “a nós nada menos do que a tarefa de sermos nosso próprio salvador e redentor” (Lamont *apud* Goheen; Bartholomew, 2016, p. 113). Segundo os Bluedorn:

⁸ “**Dando um passo fora do Tao, adentraram o vazio.** Isso também não quer dizer que os seus súditos sejam pessoas necessariamente infelizes. Eles não são sequer seres humanos; são artefatos. **A conquista final do Homem revelou-se a abolição do Homem.**” (Lewis, 2017, p. 64).

Não pode haver educação verdadeira sem referência a Deus. A educação deve ter um propósito. Se o propósito não tem Deus em vista, logo a educação é ateia, e por fim produzirá resultados ateus. O objetivo da educação não é servir a si mesma, à comunidade, aos negócios, à igreja ou ao Estado, mas a Deus. **A educação que não serve a Deus é vazia, e esse vazio será preenchido por outros deuses, quem servirá.** Desenvolver capacidades para o serviço, mas omitir Aquele a quem se deve servir, significa criar um monstro. (Bluedorn; Bluedorn, 2016, p. 25, grifo meu).

Nesse processo de mudanças, a educação que vai se instalar do século XX para os dias presentes é a educação progressista. Essa educação aponta para um relativismo que confronta primariamente com a verdade absoluta da existência de Deus. Littlejohn e Evans (2020, p. 12) dizem:

Até o despontar do Iluminismo, a fé constituía um dos meios de conhecimento da verdade; desde então, com seu surgimento, o *modernismo* reinou supremo como epistemologia primária na cultura americana e europeia por dois séculos. A verdade consciente foi apreendida com base na autoridade racional, empírica e científica. Tenha-se por verdade aquilo que pode ser sustentado racionalmente. Entretanto, durante o decorrer do último século, o modernismo tem sido suplantado na cultura mundial por seu sucessor “anônimo”, o *pós-modernismo*. Se posso ser convencido de que algo é verdadeiro, então ele é verdadeiro. A verdade que abraço pode ser diferente (e até mesmo contraditória) da verdade de outra pessoa e está tudo bem.

Diante desse relativismo enfatizado na contemporaneidade, com negação total da verdade e de princípios morais, éticos e educacionais rejeitados, é possível evidenciar que nunca se ouviu tanto as pessoas opinarem sobre tudo e não saberem sobre nada, lerem tantas informações em mídias sociais e no final não lerem nada, como diz Bertoché (2023, p. 10). O que resta são as opiniões sendo passadas como forma de ensino e as opiniões sendo recebidas como se fossem o ensino.

A educação contemporânea, como compreendo, não forma seres pensantes, mas ignorantes, seguindo os seus sentidos e apetites individuais. A humanidade, nesse caso, se assemelha mais aos animais. Pode-se inclusive dizer “que é por esse *elemento médio* [o coração] que o homem é um homem: pois pelo seu intelecto ele é mero espírito, **pelo seu apetite, mero animal**”. (Lewis *apud* Clark; Jain, 2021, p. 59). Ainda, é na contemporaneidade que se apropriam do relativismo fazendo dele seu ídolo. Littlejohn e Evans (2020, p. 28) tratam do relativismo como aquilo que:

(...) permite que cada pessoa defina sua própria versão de cada um desses valores, resultando em um mundo no qual seis bilhões de pessoas são encorajadas a viver de acordo com definições não relacionadas, e mesmo opostas, a noções fundamentalmente importantes para a harmonia civil.

Além disso, nessa visão, não há um ponto de origem de onde todas as coisas surgiram, nem um fim para onde todas as coisas estão destinadas, não existem leis verdadeiras e fixas que governam a sociedade. Portanto, cada pessoa, ao definir sua própria verdade, abre espaço para fazer o que quiser a respeito de si e do próximo, e tudo estará bem, uma vez que cada um, nesse pensamento, define seus próprios conceitos acerca do que é bom ou não, do que é certo e do que é errado. Relativizar todas as coisas, portanto, é extinguir a verdade. Suplementarmente:

Ao levar esse pensamento ao seu extremo lógico, não se pode relegar Hitler à categoria de “mal moral”, porque a categoria deixa de existir. Em vez disso, o professor moderno cria para o aluno uma arena de exercícios éticos que determinam se os campos de extermínio nazistas foram, em geral, úteis ou prejudiciais, a depender do ponto de vista individual. O fim deste credo é o desastre educacional. Em forte contraste, porém, a educação cristã da Artes Liberais e Ciências rejeita esse relativismo ao cultivar em seus herdeiros a genuína sabedoria e eloquência, preparando-os para uma vida culturalmente relevante em dois reinos ao mesmo tempo. (Littlejohn; Evans, 2020, p. 28, grifo meu).

Assim, enquanto cada dia mais a tradição, a moral e outras partes da formação se perdem, os seres humanos estão mais fragmentados que tudo. Logo, quando se trata de educação temos a seguinte realidade:

Sayers diagnostica a educação a partir dos fenômenos evidentes na sociedade: os indivíduos incapazes, incultos, ignorantes são justamente os mais dispostos a opinar sobre todo e qualquer assunto, não importa a sua complexidade; os professores têm, a cada geração, menos consciência quanto aos seus verdadeiros deveres, sobrecarregados que estão com metodologias rígidas e com exigências burocráticas; os currículos são imensos, fragmentados, compartimentados, sem relação com as necessidades da vida social, profissional e espiritual dos estudantes. As pessoas não mais conseguem conversar, debater, discutir de modo proficiente; mesmo no ambiente acadêmico os diálogos costumam girar em falso, pois os interlocutores deixam escapar o que é essencial e põem-se a comentar qualquer detalhe secundário do argumento (Sayers *apud* Bertoche, 2023, p. 9)

Sayers (1893-1957), que logo mais é reintroduzida no tópico do *Trivium Aplicado*, abordou com maestria a falta generalizada de uma educação de qualidade, o que é resposta de seres cada vez mais amorais e imorais. Porém, a lente de quem lê pode negar esse mesmo argumento posto acima para a realidade do sistema educacional brasileiro, mas “esse diagnóstico vale para o Brasil do século XXI como valia para a Inglaterra de 1948.” (Bertoche, 2023, p. 9) e ainda:

Com as redes sociais, a voz dos ineptos é amplificada; os nossos professores estão muitíssimos fragilizados; a cada geração desaparece do uso parte do vocabulário e, assim, o discurso vai perdendo precisão: uma mesma expressão é utilizada com uma pluralidade de significados, as nuances são perdidas, **o discurso torna-se cada vez mais bruto, mais simples, mais infantil**. Não somente as palavras são usadas de modo inadequado, como a própria sintaxe é nivelada por baixo: perde-se a conjugação correta, os tempos verbais, a pontuação. **Tudo isso limita o pensamento, que acaba por tornar-se simplório e pueril, mesmo entre pessoas de nível acadêmico superior.**

Por fim, olhar para a contemporaneidade é refletir sobre o que está em 1 Coríntios 3:19.20 ¹⁹“Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus. Pois está escrito: “Ele apanha os sábios na própria astúcia deles.” ²⁰e ainda: “O Senhor conhece os pensamentos dos sábios e sabe que são pensamentos vãos.” É loucura diante de Deus, pois:

Tanto o modernismo como o pós-modernismo rejeitam todos os absolutos. Contradições inerentes entre as visões concorrentes da verdade, da bondade e da beleza são, finalmente, irrelevantes. Indo para o lado mais abstrato, talvez gostemos de pairar sobre a noção de que “a beleza está nos olhos de quem vê”, mas as consequências podem ser terríveis quando o relativismo se depara com a nossa compreensão da verdade e da bondade. **Relativizar a ética e a moral é resultado último do ceticismo** que acompanha o deslocamento da fé de nossa epistemologia cultural. (Evans, 2020, p. 28, grifo meu)

A educação dos dias atuais fere o conceito completo do que *é belo, bom e verdadeiro* dentro da Educação Cristã Clássica. Essa pobreza lexical, sintática, gramatical e de outros aspectos linguísticos produz uma massa que “não é capaz de compreender as sutilezas da linguagem, do mesmo modo, quem não pensa bem e interpreta mal - os textos e o mundo” (Bertoche, 2023, p. 10)

PLATÃO disse muitas tolices na *República* sobre uma sociedade idealmente justa, mas uma coisa muito essencial que ele afirmou nesta obra não era nada tola, e sim muito sábia: a única e mais importante coisa que torna uma sociedade boa, justa, sábia e feliz é a educação. (Kreeft, 2021, p. 9)

A sociedade Grega considerava que para uma sociedade ser ordenada em justiça, beleza e sabedoria, seu centro precisaria ser a educação, e sim, a educação que envolve o intelecto e a ética que são partes fundamentais de uma sociedade bem estruturada, mas visto que no Cristianismo todos os homens nascem sob o pecado e estão afastados de Deus, só é possível qualquer ordem em sua totalidade, se houver verdadeira conversão. Novo nascimento em harmonia com o que está escrito no Evangelho de João 3.

Nessa visão, os clássicos valorizam o *bom*, o *belo* e o *verdadeiro*, mas só é possível compreendê-los em sua integralidade quando entendemos que essa tríade só é possível de ser contemplada quando estamos em Deus, o Criador de todas as coisas. Nessa perspectiva, quando falamos de Educação Clássica, como foi dito outrora, os clássicos têm sua importância, mas os fundamentos da Bíblia são incomparáveis a esses, uma vez que a Bíblia (Ela toda) é Inspirada por Deus, Inerrante e Infalível e, por isso, o ensino ideal exposto é a Educação Cristã Clássica, e não somente Educação Clássica. A verdade bíblica é tanto o princípio quanto o fim (*a arché e o télos*).

O Viver é Cristo e o morrer também é Cristo. É para Ele que todas as coisas precisam retornar para então, se ordenar, incluindo a Educação. Ainda sobre o fim último: “Em todas as coisas, o fim é, segundo penso, aquilo a que todas elas se ordenam, a causa da qual advém tudo o mais, o que os gregos chamavam de *τέλος* (telos).” (Santo Agostinho, 2021, p. 132). O *arché* e o *télos* são Cristo.

“Para os educadores cristãos clássicos, ser “clássico” não é o suficiente. Queremos que nossas escolas também sejam completa e rigorosamente cristãs”. (Wilson, 2021, p. 94). Para que isso seja possível, a ferramenta da linguagem que ensina o ser humano a aprender a aprender é o que norteia a próxima temática, o *Trivium*.

2.2 O *Trivium* clássico

*Gram loquitur, Dia verba docet, Rhet verba colorat*⁹ (verso mnemônico medieval, *apud* Clark; Jain, 2021, p.71)

O *Trivium* foi aplicado de formas diferentes no decorrer da história. Convém rememorar o que a palavra quer dizer. Como Harvey e Laurie (2016, p. 82) explicam: “*Trivium* é uma palavra latina que significa “intersecção entre três vias”, o que em outras palavras é a conexão em um determinado ponto de três fases da vida humana: a Fase da Gramática, da Lógica e da Retórica. Para cada fase existem habilidades específicas e conhecimentos a serem ensinados e aprendidos. É um movimento constante, já que após o aluno passar pelas três fases, ele sempre retorna a elas quando vai aprender algo novo.

Joseph (2008, p. 32) aponta, “O *trivium* em si mesmo uma ferramenta ou habilidade, ficou associado às suas matérias de estudo mais apropriadas - língua, oratória, literatura, história e filosofia”¹⁰ e ainda: “As três artes da linguagem proveem disciplina à mente, uma vez que esta encontra expressão na linguagem” (Joseph, 2008, p. 33). O *Trivium*, então, procura desenvolver conhecimentos que relacionam o ser humano à construção da língua como um todo, não apenas a boa oratória ou arte da escrita que é uma função específica iniciada com a gramática, mas a outras faculdades humanas (dos sentidos ou do intelecto)¹¹ primordiais na vida humana, como interpretação, refutação de argumentos mentirosos e farsantes, defesa da verdade, estando essas três últimas contidas nas artes da lógica e da retórica.

É necessário também ter em mente que as Sete Artes Liberais foram consolidadas na Idade Média. Em conformidade com Monir:

O estudante das Artes começava a vida escolar aos quatorze anos (tardíssimo para os padrões modernos, mas não sem alguma sabedoria), participava de um regime de estudo flexível com grande liberdade individual e vencia em primeiro lugar os “três caminhos” do *trivium*, mais tarde descritos por Pedro Abelardo (1079-1142) como os três componentes da ciência da linguagem. **Para Hugo de São Vítor (1096-1141), no *didascálicon*¹², “a gramática é a ciência de falar sem erro. A dialética, é a disputa aguda que distingue o verdadeiro do falso. A retórica é a disciplina para persuadir tudo o que for conveniente.** (Monir, 2008, p. 15, grifo meu)

9 “a gramática fala, a dialética ensina as palavras e a retórica colore as palavras”

10 Como a abordagem do trabalho enfatiza a fase da gramática, então o que importa destacar dessas habilidades é a língua.

11 Joseph (2008, p. 250)

12 O termo *didascálicon* faz referência a uma obra publicada por Hugo de São Vítor - *Didascálicon*, sobre a arte de ler.

Deste modo, “Estas três matérias - gramática, lógica e retórica - constituíam o *trivium* formal no sentido clássico.” (Bluedorn; Bluedorn, 2016, p. 82) e cada uma tinha um propósito específico, mas a zênite é levar o aluno a arte da Retórica, considerada a arte mestra do *Trivium*. (Joseph, 2008, p. 34). Sob esse olhar, os Bluedorn (2016, p. 33), destacam:

O trivium clássico - gramática, lógica e retórica - **é um meio muito eficiente de preparo para servir a Deus no mundo**. Pelo domínio das ferramentas básicas de aprendizagem, o método clássico cria estudantes autodidatas capazes de progredir e dominar qualquer área de aprendizado por conta própria. Quaisquer que sejam os objetivos, a abordagem clássica assenta as mais amplas e sólidas bases para alcançá-los.” (grifo meu)

Outro fator crucial a considerar é a divisão de fases que acontece dentro do *Trivium*. Conforme supracitado, para cada etapa de amadurecimento da vida humana, existe uma ênfase em determinada ferramenta. O aprendiz para não possuir lacunas educacionais precisa estar exposto a receber o que lhe é propício a etapa correta de sua formação¹³.

A Fase da Gramática da Educação Cristã Clássica, por sua vez, acontece desde o jardim de infância até ao 5º ano, alunos com aproximadamente 11 anos e tem por base o conhecimento das palavras, estudo de idiomas, repetição e, memorização. A segunda fase vai dos 11 anos aos 14 e se dá pela valorização da Lógica, nessa fase os alunos aprendem especificamente a reconhecer argumentos mentirosos e verdadeiros. E, por fim, os alunos do Ensino Médio, após terem um amplo léxico em mais de um idioma, sabem discernir os fatos e alegações, partindo, portanto, para a defesa da verdade, a Retórica. Vejamos o quadro abaixo:

¹³ Não faço menção a alunos que necessitam de atendimentos especiais por apresentarem alguma dificuldade na aprendizagem, esse não é o foco do trabalho, precisaria de outra pesquisa para abordar esse assunto.

INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA

Ênfase das artes do Trivium: abordagem paradigmática ou da “ferramenta”

PRÉ-ESCOLA AO 5º ANO Fase da Gramática	6º AO 9º ANO Fase da Lógica	ENSINO MÉDIO Fase da Retórica
Gramática: língua vernácula e latim	Gramática	Gramática
Lógica	Lógica	Lógica
Retórica	Retórica	Retórica

Quadro 1 - Fonte: Introdução à Educação Cristã Clássica. (Perrin, 2018, p. 35).

Na compreensão sobredita, o próximo tópico faz referência ao que dentro da Educação Cristã Clássica chamamos de *Trivium aplicado*, com influência primária de Dorothy Sayers.

2.3 O *Trivium aplicado*

O *Trivium aplicado* foi investigado por Dorothy Sayers, na Universidade de Oxford, em 1947. Ela produziu a obra “Ferramentas perdidas da educação” e o propósito era revolver a educação liberal em vista da decadência educacional produzida naquele período. Os Bluedorn (2016, p. 83) informam as críticas de Sayers quanto ao sistema da época. Vejamos abaixo:

1. Os alunos aprendem mais matérias, mas sabem menos de tudo;
2. Eles não conseguem separar o fato da opinião ou a plausibilidade da prova;
3. São incapazes de tratar um argumento de forma direta ou de manter um argumento sem introduzir material irrelevante;
4. Não definem os termos e são incapazes de entender os sentidos diferentes nos quais um termo pode ser usado;
5. Falam a língua com sintaxe imprecisa;
6. Não conseguem aprender uma nova matéria sozinhos;

7. Não estabelecem conexões entre as diferentes matérias. (Bluedorn; Bluedorn, 2016, p. 83)

Embora, tenha sido um estudo desenvolvido em Oxford, esse mesmo processo de declínio é observado no Brasil, ao constataremos que:

No Brasil, depois de sequestrarmos as crianças de suas casas pelo menos cinco horas por dia e gastarmos com elas um quarto do orçamento, descobrimos, oito anos depois, atônitos, que a maioria não sabe ler ... E isto apesar de todas as siglas atrás das quais se esconde a bilionária incompetência pública. (Monir, 2008, p. 13)

Verifica-se que, dessa forma, não podemos continuar seguindo dessa forma. Algo está muito errado, e todos nós (educadores em formação e já em exercício) precisamos repensar os caminhos que o atual “progressismo” tem exibido nas experiências. Porém, para quem acredita nesse modelo, culpar apenas os professores que também foram educados em uma educação progressista, e que em sua maioria não conhecem a Educação Cristã Clássica, não é o suficiente. Os Bluedorn respondem:

Não é culpa dos professores: eles já trabalham muito. A loucura conjunta da civilização que se esqueceu das próprias raízes a está forçando a se apoiar no peso instável de uma estrutura educacional construída na areia. Eles fazem pelos alunos o que os próprios alunos devem fazer. O único fim verdadeiro da educação é apenas este: ensinar os homens a aprender por conta própria; toda instrução que falhar em realizar isso é um esforço despendido em vão. (Bluedorn; Bluedorn, 2018, p. 226, grifo meu)

Sobre o fim único da educação citado acima, Perrin (2018, p. 48) retrata com as seguintes palavras: “Todos nós já ouvimos o provérbio: dê ao homem um peixe e ele come uma refeição; ensine-lhe a pescar e ele comerá durante toda a vida.” Em outras palavras, ensine o aluno a aprender e ele próprio terá prazer em buscar o conhecimento. Nesse contexto, é indispensável observar o que o *Trivium Aplicado* tem que o difere do *Trivium Clássico*. Os Bluedorn (2016, p. 83) mencionam:

Sayers propôs uma solução para o problema, ela sugeriu o retorno ao que havia funcionado no passado. Falando de maneira específica, ela aplicava as três matérias, do *trivium* medieval formal - gramática, lógica, retórica - como modelo ou filosofia educacional e método ou técnica de ensino. Nós o chamamos de *trivium aplicado*.

Sayers define o objetivo do *Trivium* e de suas três fases com as seguintes palavras:

O objetivo do *Trivium*, em sua totalidade, era na verdade ensinar o aluno o uso adequado de certas ferramentas de aprendizado, antes de ele começar a usá-las em toda e qualquer “matéria”¹⁴. Em primeiro lugar, aprendia-se uma língua: não simplesmente a como pedir uma refeição em língua estrangeira, mas a estrutura da linguagem - de *uma* linguagem - e portanto, a linguagem mesma, sua essência, a forma de unir suas partes e sua própria estrutura. Em segundo lugar, o aluno aprendia como usar a linguagem: como definir seus termos e fazer declarações precisas; como construir um argumento e como detectar falácias nos argumentos (seus e dos outros). A dialética, por assim dizer, abarcava tanto a lógica como o debate. Em terceiro lugar, ele aprendia a se expressar pela linguagem: como dizer o que tinha a dizer de forma elegante e convincente. (Sayers, 2023, p. 53)

Em seguida, a autora apresenta um modelo de *Trivium* cuja aplicação reflete no desdobramento da educação infantil com a fase da gramática. Para cada estágio, o *Trivium aplicado* recebe um outro nome, no entanto, é mister destacar que a essência é a mesma. O estudo se dirigiu de forma diferente, uma vez que a criança foi o centro dessa aplicação.

Abaixo temos a representação visual e total de como Sayers articulou esse estudo, conforme Perrin (2018).

¹⁴ O conceito de matéria para Sayers neste contexto tem outra ideia: “Agora devemos notar que duas dessas três matérias não são absolutamente o que costumamos chamar de “matéria”, mas apenas métodos de lidar com matérias. A gramática de fato é uma matéria no sentido de que realmente significa aprender uma língua - o que naquele período, significa aprender o latim. Porém, a língua é apenas um meio pela qual se expressa o pensamento.” (Sayers, 2023, p. 53). Diz respeito sobre a ferramenta em si mesma usada para aprender o idioma, que é sobre o que trata a fase da gramática, é uma ferramenta. (Sayers, 2023, p. 55).

INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA

As Artes do Trivium Como Fases do Desenvolvimento da Criança

GRAMÁTICA	LÓGICA	RETÓRICA
Idade: 5–11	Idade: 11–14	Idade: 14–18
Fase Papagaio	Fase Atrevida	Fase Poética
Linguagem: gramática, sintaxe, estrutura, vocabulário	Linguagem: raciocínio, debate, clareza	Linguagem: eloquência, beleza, persuasão
Filólogos	Filósofos	Poetas
Fatos básicos, fundamentos	Princípios, relações	Comunicação expressiva, aplicação, síntese
Método: canto, declamação, repetição	Método: argumento, discussão, debate	Método: discussão, discursos, imitação, prática
Escrita: clareza, narrativa, descrição	Escrita: comparar/contrastar; elogiar/condenar, argumentativa	Escrita: persuasiva, legal, polêmica, poética, criativa

Quadro 2 - Fonte: Introdução à Educação Cristã Clássica. (Perrin, 2018, p. 35).

Para cada estágio das crianças, ela concede um estudo que atribui um período de idade específico para cada etapa, ela designa a nomenclatura baseada em suas observações, concede aos alunos um nome que os identifica na fase em que estão, qual o foco do ensino em cada momento do ciclo e revela qual o papel da escrita em cada período.

O que é conhecido como a fase da gramática, Sayers chama de fase do papagaio¹⁵. Ao que foi apresentado como Fase Lógica, ela chama de Fase do Atrevido, e a Retórica corresponde à Fase do poeta, por exemplo.

Para a autora, esses nomes são dados devido aos seus estudos de psicologia infantil, mas sem pretensões de inovações, até pela observação ela afirma que é possível enxergar que a criança passa por esses três estágios, basta ter sido uma. (Sayers, 2023, p. 60). Ela, portanto, apresenta sinteticamente:

¹⁵ Essa Fase do papagaio não tem relação com o método audiolingual que possui uma característica com o mesmo nome, mas completamente diferente em seu sentido.

O estágio do papagaio é aquele em que decorar é fácil e agradável, de forma geral, ao passo que raciocinar é difícil e, geralmente, pouco apreciado. Nessa idade, as crianças memorizam rapidamente as formas e aparências das coisas, gostam de repetir os números das placas dos carros, alegram-se ao cantar canções com rimas complicadas e com a sonoridade das palavras difíceis de trava-línguas ininteligíveis; gostam de simplesmente acumular coisas. A fase do atrevido, que se segue à primeira (mas há naturalmente uma sobreposição das duas, até certo ponto) é extremamente familiar a quem quer que já tenha lidado com crianças; é caracterizada pelas contestações, repostas e “pegadinhas” (especialmente com os mais velhos), bem como pela proposição de charadas e enigmas (especialmente aquelas que contêm algum trocadilho sujo ou engraçado). São extremamente chatos, e chegam a essa fase por volta dos oito, nove anos (lá pela quarta série). A fase do poeta é popularmente conhecida como a idade “difícil”. É quando o sujeito fica mais egoísta, quer se expressar e normalmente é especializado em ser incompreendido, é incansável e busca independência; com boa dose de sorte e uma boa orientação, deveria desabrochar nos princípios da criatividade, buscando sintetizar aquilo que já conhece e desejando deliberadamente saber e fazer alguma coisa melhor do que todas as outras. Ora, parece-me que o *Trivium* se adapta especialmente ao que é próprio de cada uma dessas etapas: gramática para o papagaio, dialética para o atrevido e retórica para o poeta. (Sayers, 2023, p. 60 e 61)

Todavia, Sayers (2023) parece manter essas ferramentas apenas ao *Trivium*, não que ela desconsiderasse o *Quadrivium*, mas enquanto a criança aprende as letras simultaneamente os números estarão presentes, então o entendimento do educador cristão clássico é afirmar que:

(...) as ferramentas da educação são as habilidades aprendidas durante **o estudo de todas as Artes Liberais e Ciências**. Entre essas habilidades encontram-se a memória, a caligrafia, a decodificação fonética, a compreensão da leitura, o cálculo, o pensamento crítico, a análise, a resolução de problemas, a pesquisa, a síntese, a escrita efetiva, a fala pública e o julgamento moral sadio para citar alguns. Não são habilidades transmitidas passivamente, mas deliberada e sistematicamente. (Littlejohn; Evans, 2020, p. 41, grifo meu).

É indispensável expressar o relato de São Vitor, exposto por Littlejohn e Evans. Embora extenso em demonstrar sua experiência pessoal, vale muito para a compreensão de que as ferramentas das Artes Liberais, são elas todas um conjunto bem ordenado e interligado. Vejamos:

Ouso dizer que jamais desprezei nada referente à erudição, mas aprendi muita coisa que para outros parecia insignificante e tola. Lembro-me de, quando ainda aluno, verificar os nomes de todos os objetos que vi ou que estavam em minhas mãos, e de como formulei meus próprios pensamentos sobre eles, a saber: não se pode aprender a natureza das coisas antes de aprender seus nomes. Quantas vezes propus-me diária e voluntariamente ao estudo de problemas que anotei por razões de brevidade, por meio

de uma palavra-chave ou duas em uma página, a fim de levar à memória a solução de quase todas as opiniões, perguntas e objeções que havia feito e aprendido. Criei argumentos e análises forenses com objeções pertinentes e, ao fazê-lo, cuidadosamente distingui entre os métodos do retórico, do orador e do sofista. Eu representava números com seixos e cobria o chão com linhas negras, e provava com evidência pelo diagrama diante de mim as diferenças de triângulo de ângulo agudo, ângulo reto e ângulo obtuso; da mesma forma verifiquei se o quadrado tem a mesma área do retângulo, dos quais os lados são multiplicados, afastando o comprimento em ambos os casos. Muitas vezes observei a noite de inverno, olhando as estrelas. Muitas vezes toquei a *magada* [instrumento musical], medindo as cordas de acordo com os valores numéricos e as esticando sobre a madeira para pegar de ouvido a diferença entre os tons e, ao mesmo tempo, alegrar meu coração com a doce melodia. Tudo era feito de maneira juvenil, mas sem inutilidade, pois esse conhecimento não me era pesado. Não me recordo dessas coisas para orgulhar-me de conquistas, que são de pouco ou nenhum valor, mas para demonstrar que o trabalhador mais organizado é o mais habilidoso, ao contrário de muitos que desejam dar um grande salto e caem no abismo; pois, como com as virtudes, assim também nas ciências existem passos fixos. Mas, você pode dizer, considero as narrativas excessivamente inúteis e inviáveis; por que eu deveria ocupar-me com isso? Verdadeiramente, há nas Sagradas Escrituras muitas coisas que, em si mesmas, aparentemente não valem a pena, mas que, se comparadas com outras estão interligadas e se pesadas com essa conexão em mente, provam ser necessárias e úteis. Algumas valem pelo conhecimento em si; outras, embora aparentemente não ofereçam retorno para nossas questões, valem ser consideradas como pré-requisito para dominar as anteriores... (São Vitor *apud* Littlejohn; Evans, 2020, p. 42 e 43)

Na compreensão sobredita, letras e números, música e deslumbramento, virtude e verdade, moral e ética trabalham juntas do início ao fim, e se oferecido o conhecimento respeitando o tempo em que a criança está mais propícia a aprender, então o que se aprende não se torna pesado, mas prazeroso. Embora, a autora mencione com mais profundidade as três etapas em sua obra “As ferramentas perdidas da aprendizagem” (2023), no próximo capítulo, será apresentado o *Trivium bíblico*, visto que como a proposta primária é glorificar a Deus e cumprir a sua vontade através da recuperação dessas ferramentas, então o *Trivium bíblico*, o modelo que junto com as contribuições do *Trivium clássico* e *Trivium aplicado* é o que se torna ideal dentro da Educação Cristã Clássica.

2.4 O *Trivium bíblico*

O temor do SENHOR é o princípio do saber, mas os insensatos desprezam a sabedoria e o ensino (Bíblia, Provérbios 1:7).

O *Trivium bíblico* é outra nomenclatura utilizada na Educação Cristã Clássica, mas que alude especificamente à forma mediante a qual a Bíblia retrata a mesma essência do *Trivium clássico*, como se fosse um modelo concedido à natureza criada para aprender, os Bluedorn (2016, p. 86) sinalizam para esse pensamento ao dizerem: “Acreditamos que o *trivium* clássico esteja enraizado na natureza criada”. É no *Trivium bíblico*, que a educação hebraica foi baseada em sintonia com o que dizem os Bluedorn (2016, p.86, grifo meu): “Os medievais não inventaram o *trivium*. Eles o receberam dos romanos, que o haviam obtido dos gregos. Mas estes não foram os primeiros a utilizá-lo. Os hebreus reconheciam esses princípios em seu ensino.”

Todavia, os três ciclos do *Trivium* recebem outro nome dentro dos ensinamentos dos Hebreus. O que chamamos de Gramática na Educação Clássica, é nomeado como Conhecimento na Bíblia. O que designamos de Lógica, é conhecido como Entendimento e o que é aprendido como Retórica, entendemos por Sabedoria.

O núcleo do *Trivium bíblico* como a própria palavra faz referência, é ensinar as três artes agora nomeadas de **Conhecimento, Entendimento e Sabedoria** através da Bíblia e fundamentadas nela. Como versa a citação a seguir, “Não há sutileza na gramática, na lógica, nem em qualquer outra ciência que se possa recordar que não seja encontrada em grau mais excelente nas Escrituras” (Wycliffe *apud* Bluedorn; Bluedorn, 2016, p. 28).

As Escrituras guiam essas três ferramentas e ensinam o aluno no desenvolvimento de suas capacidades. Ainda assim é primordial compreender a dependência da criação, pois reconhecemos que sem Deus operando na vida das pessoas, não temos a capacidade para realizar nada - “Não se enganem, meus amados irmãos. Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.” (Bíblia, Tiago 1:16-17)

Não é a força humana que produz algum conhecimento, inclusive até a capacidade criativa humana é oriunda de uma substância já criada, como exemplo, as plantas, os seres humanos podem geneticamente fazer alterações para “criar outras plantas”, mas nunca produzirão sem a composição já dada a eles pelo Criador, e isso é em tudo, pois a verdade é que os indivíduos não podem fazer nada à parte de Deus, quer saibam disso ou não.

Jesus afirmou - “Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dará muito fruto; **pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma.**” (Bíblia, João 15:5, grifo meu). À vista disso, o *Trivium bíblico* objetiva apontar o ser criado ao Criador, reconhecendo que nos aspectos para aprender algo, Ele já ordenou os caminhos, é a dependência completa no Deus que é supremo sobre todo o saber.

É preciso perceber também que a história mais antiga e a comunidade inicial que forma um estudante cristão sempre faz referência aos hebreus, pois é no livro do Gênesis, que teremos a base de quem criou o mundo, como criou, o que criou, qual foi o propósito, e resumidamente a história conhecida como a base do aluno cristão - Criação (Deus criou o mundo e tudo o que nele existe pelo poder de sua palavra), Queda (o pecado entra no mundo pela desobediência e nos separa de Deus gerando distorção na natureza criada), Redenção (Cristo, por meio de seu sacrifício na cruz reconciliou o ser humano com Deus, e agora esse pode conhecê-lo) e Consumação (tudo que está escrito continua se cumprindo até o segundo retorno de Cristo).

Ao adotarmos o *Trivium bíblico*, compreendemos que a bíblia nos revela um caminho pelo qual percorrer para que em um mundo ainda não restaurado em sua plenitude possamos conhecê-lo através da formação educacional. Como está escrito: “Ao Senhor pertence a terra e a sua plenitude, o mundo e os que nele habitam.” (Bíblia, Salmos 25:1). Os Bluedorn apresentam da seguinte maneira o *Trivium bíblico*:

O processo de aprender ocorre de forma natural de acordo com a sequência do progresso de três etapas: 1. A primeira consiste em acumular informações. Chamamos de *conhecimento*. 2. A segunda etapa consiste em compreender as relações entre as informações. Chamamos isso *entendimento*. 3. A terceira etapa consiste em colocar em prática e expressar o que sabemos e entendemos. Chamamos isso de *sabedoria*. (Bluedorn, 2016, p. 86).

Há apenas uma mudança de nomenclaturas, mas as etapas correspondem aos mesmos estágios da Gramática, Lógica e Retórica do *Trivium clássico* e igualmente as três fases: Papagaio, Atrevido e Filósofo, do *Trivium aplicado*. Logo, no *Trivium bíblico*, várias passagens bíblicas, tratam esses três estágios ou essas palavras de forma isolada também. Como em Provérbios 5:1-2: “¹ Meu filho, dê atenção à minha **sabedoria**; incline os ouvidos à minha **inteligência**, ² para que você conserve o discernimento, e para que os seus lábios guardem o **conhecimento**.” (grifo meu). E em outras três referências que apontam:

1 Meu filho, se você aceitar as minhas palavras e guardar no seu coração os meus mandamentos; 2 se você der ouvidos à **sabedoria** e inclinar o seu coração ao **entendimento**; 3 sim, se você pedir inteligência e gritar por **entendimento**; 4 se buscar a **sabedoria** como a prata e a procurar como se procuram tesouros escondidos, 5 então você entenderá o temor do SENHOR e achará o **conhecimento de Deus**. 6 **Porque o SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vem o conhecimento e a inteligência.** – (Bíblia, Provérbios 2:1-6, grifo meu).

12 Eu, a **sabedoria** moro com **prudência**, e disponho de **conhecimentos** e de conselhos. (Bíblia, Provérbios 8:12, grifo meu).

19 O SENHOR com **sabedoria** lançou os fundamentos da terra; com **inteligência**¹⁶ estabeleceu os céus. 20 Pelo seu **conhecimento** os abismos se romperam, e as nuvens destilam o orvalho. – (Bíblia, Provérbios 3:19-20, grifo meu).

Sobre Provérbios 3:19-20, os Bluedorn trazem uma compreensão bela a respeito da Sabedoria, Entendimento e Conhecimento de Deus. Eles dizem:

A **sabedoria de Deus** é criativa, cria a terra (Gênesis 1.1); **seu entendimento** é poderoso, divide as águas em oceanos abaixo e céus acima (Gênesis 1.6-8), e **seu conhecimento** é detalhado, move fontes por todos os lados da terra e faz chover por todos os lados do céu. (Bluedorn, Bluedorn, 2016, p. 87, grifo meu)

É interessante observar que inúmeras passagens bíblicas trazem esses três termos juntos e às vezes separados também, mas que é possível contemplá-los em todas as Escrituras. Diante dessas exposições:

Nosso criador inseriu a estrutura fundamental do *trivium* na nossa natureza. Chegamos ao *conhecimento* das coisas no mundo natural por meio dos *sentidos*. Chegamos ao *entendimento* dessas coisas com a *mente*. Colocamos nosso entendimento *sabiamente em prática* mediante nossos músculos. (Bluedorn, Bluedorn, 2016, p. 87)

Em virtude ao que foi mencionado, o ser humano antes de aprender qualquer coisa precisa ter conhecimento sobre os significados e sobre as palavras, isto é, a Gramática. Depois ele constrói os raciocínios, no Entendimento, com base no que já possui do conhecimento, em seguida põe em prática com a Sabedoria que é a Retórica, expressando-se de forma admirável, lógica e sábia. Segundo os Bluedorn (2016, p. 90):

Toda a educação, desde o passado mais remoto até este século, foi construída em cima dessas três vias de aprendizado. Nós o chamamos “currículo de seis mil anos”. Esse é apenas o progresso natural do aprendizado. Deus nos fez assim, e por mais que tente, ninguém pode aperfeiçoar seu método.

¹⁶ Em outras versões está entendimento.

A Bíblia também retrata uma passagem que alude especificamente a fase do conhecimento ou Gramática, comumente chamada e que é o próximo tópico a ser apresentado. É a passagem de Deuteronômio 6:4-9:

4 Escute, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. 5 Portanto, ame o SENHOR, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e com toda a sua força. 6 **Estas palavras que hoje lhe ordeno estarão no seu coração.** 7 **Você as inculcará a seus filhos, e delas falará quando estiver sentado em sua casa, andando pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se.** 8 **Também deve amarrá-las como sinal na sua mão, e elas lhe serão por frontal entre os olhos.** 9 E você as escreverá nos umbrais de sua casa e na sua porta. (Bíblia, Deuteronômio 6:4-9, grifo meu).

A fase do Conhecimento é o momento no qual a memória (um dos elementos essenciais) é pontuada no tópico da Educação Linguística Cristã. O Senhor designou que o conhecimento de suas palavras e mandamentos fossem guardados e para que se lembrassem delas e dos seus respectivos significados era necessário serem inculcados desde a infância. É na memorização, na repetição, no recitar e cantar que a criança vai se debruçar em aprender. A esse processo chamamos a Fase do Conhecimento/Gramática.

2.5 A Fase da Gramática

Dentro do *Trivium* existem três estágios, que são: Gramática, Lógica e Retórica. Para cada estágio podem existir nomenclaturas diferentes e contribuições diferentes também, como as do *Trivium aplicado* de Dorothy Sayers que no *Trivium bíblico* recebem outros termos. Para cada fase compreende-se um padrão de idade apropriado, mas como se trata de uma ferramenta que leva o aluno a aprender a aprender, então mesmo completando os três ciclos em faixa etária oportuna, é preciso ter em mente, como já dito, que sempre estamos retornando a essas mesmas ferramentas para aprender qualquer coisa.

Na Educação Clássica, podemos considerar o *Trivium*, então, como a base, uma vez que segundo Perrin (2018, p. 10, grifo meu), esse sistema de três vias para a criança funciona assim: **“Enquanto maravilhada com a linguagem humana, ensinamos idioma e gramática.** Quando prontas a desafiar cada hipótese, ensinamos lógica. Quando o aluno deseja expressar-se com fervor ensinamos retórica.”

A primeira fase é a arte da Gramática, dentro das Artes Liberais. É por essa arte que tudo começa. Como em tudo, as definições claras das palavras são de extrema importância para entender o que é retratado, seja de forma escrita através de um texto (não importando o gênero) ou auditiva com o discurso (de qualquer natureza) que é exteriorizado ao ouvinte. A gramática é um termo que dentro da Educação Cristã Clássica faz referência a estrutura de uma língua, mas também:

A gramática é o que parece, mesmo em um contexto moderno: o estudo da estrutura da linguagem. No entanto, desde a antiguidade, entende-se que **o seu estudo efetivo tanto requer a preparação (o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita, ortografia e vocabulário) quanto os materiais para a prática (literatura, tanto na língua vernácula como em outras línguas)**. (Littlejohn; Evans, 2020, p. 99, grifo meu)

Esse estudo da língua não é apenas para comunicação, pois a comunicação pode ocorrer até sem a necessidade de uma fala, os animais se comunicam, assim como há estudos que comprovam que até as plantas se comunicam, embora não falem. (Clark; Jain, 2021, p. 74). Nesse sentido, a capacidade concedida aos seres humanos pelo Criador, possibilitou uma distinção clara entre o ser humano e tudo o mais criado.

(...) somente o ser vivo com *logos* usa a linguagem; usa a palavra para criar, para mudar a realidade, para exercitar a autoridade e para guiar a alma dos homens. Com efeito, a palavra “usa” não consegue captar o significado pleno da linguagem para a vida humana. **Pode ser mais adequado dizer que o homem é o ser vivo que vive na linguagem**; ora, a reflexão mais casual sobre a tradição histórica, a comunidade humana e até a amizade testemunham não só o uso que os seres humanos fazem da linguagem, mas o seu próprio efeito. Há muitos exemplos a que poderíamos recorrer para ilustrar o efeito poderoso da linguagem, mas a transformação espetacular que ocorre no segundo ano de vida talvez seja a mais vívida - isto é, a aquisição da fala. A criança no início lentamente, mas depois aos borbotões, começa a usar as palavras. Primeiramente, ela nomeia pessoas - “mamãe”, “papai” - depois, coisas - “gatinho”. Logo ela está expressando uma vasta gama de emoções, vontades e declarações - “amo você”, “não!”, “boa noite”. Note: a transição não se dá entre a não-comunicação e a comunicação; qualquer pessoa que tenha tido um bebê sabe que mesmo os infantes mais novos são perfeitamente capazes de comunicar-se sem palavras. A transformação se dá, na verdade, da mera comunicação para a linguagem - um fato que se capta até na palavra “infante” (de *infans*, palavra latina que significa “sem fala”). **Conforme a criança que só podia comunicar-se adquire linguagem, as coisas se tornam um mundo, as pessoas se tornam família e a experiência e a expressão da personalidade se tornam plenamente possíveis**. (Clark; Jain, 2021, p. 74, grifo meu).

Essa complexidade esplêndida da criação humana é um reflexo que aponta para o próprio Deus, cujo poder da palavra fez vir à existência todas as coisas. Ele é a própria palavra (Bíblia, João 1:1). A capacidade dada ao ser humano, então, é o fato de sermos criados à sua imagem e semelhança. se Nele está a palavra, a nós a palavra foi concedida.

Ainda, como o desígnio do Educador Cristão Clássico é aperfeiçoar o que já foi apresentado pelo próprio Deus por natureza, é nessa fase que o que importa é ensinar a crianças habilidades da compreensão auditiva, da fala, da leitura e da escrita. Nessa etapa, não só queremos que a criança aprenda por imitação, que ela ouça uma boa oratória e imite, que ela ouça uma leitura de literatura clássica em língua materna ou estrangeira e que identifique as palavras e reproduza em seu convívio diário. Por isso, cabe a esse período uma estrutura sintática ordenada, onde cada parte da gramática em si, enquanto estrutura, é evidenciada adequadamente. Em tempo hábil, é apresentada a estrutura após a criança reproduzir o que está sendo dado a ela inicialmente por imitação. Faz parte também um amplo léxico que expressa um coração que está sendo moldado pela palavra de Deus e que é aprendido para ser usado com consciência em cada circunstância. Por isso, a gramática faz da literatura uma parte substancial desse desempenho.

É ainda na Gramática que:

Observação e memória são as faculdades mais vívidas nesse período: se devemos aprender uma língua estrangeira contemporânea, deveríamos começar agora, antes que os músculos faciais e mentais se tornem rebeldes às entonações desconhecidas. (Sayers, 2023, p. 63).

Entrementes, essa é uma fase primordial. Ela é a base do que virá, da Dialética e da Retórica. Ela, na verdade, inicia de imediato na imitação com os pais, e consequentemente, com outros que fazem parte da história educacional da criança, como familiares em geral, professores, inspetores e outros.

De acordo com os estudos produzidos por Sayers, como visto no *Trivium aplicado*, o desenvolvimento dessa arte vai até os 11 anos, embora sempre estejamos aprendendo termos novos a depender do contexto nos quais estamos inseridos, mas é até os 11 anos que a criança, por uma questão que envolve mais do que a linguagem, passa a transitar para outro estágio que vai requerer raciocínio e interpretação a serem trabalhadas para reconhecer e refutar os discursos mentirosos. Essa mudança, aponta Sayers, é um aspecto que acontece naturalmente.

É basilar salientar também que a Gramática, Lógica e Retórica mesmo tendo seus anos de destaque no desenvolvimento da criança, estão sempre acontecendo simultaneamente. Joseph, (2008, p. 72, grifo meu), diz que:

A gramática da expressão a todos os estados da mente ou da alma - cognitivo, volitivo e emocional - em frases que são afirmações, perguntas, desejos, preces, ordens e exclamações. Neste sentido a gramática tem um escopo mais amplo que a lógica; e assim também a retórica, que tudo isso comunica a outras mentes.

Por este ângulo, um ensino eficaz de gramática à criança é imprescindível. Aludindo Joseph novamente: “As artes da linguagem conduzem o orador, o escritor, o ouvinte e o leitor ao uso correto e eficaz da linguagem. **A fonética e a ortografia, que estão associadas à arte da gramática...**” (Joseph, 2008, p. 34, grifo meu).

Fonética e ortografia, portanto, são as habilidades que circulam por esse processo de ensino e são elas que devem ser ensinadas, e adicionado a ambas, a gramática do idioma, após os finalizados anos no jardim de infância. Assim, a Educação Clássica e as Artes Liberais dão ênfase à Fase da Gramática.

Visto que todo o ensino deve revelar a glória de Deus, o próximo capítulo aponta para esse propósito. Para além de uma educação apenas clássica, desejamos acima de tudo uma educação completamente cristã e que honra o Mestre singular, o Mestre do saber.

3 A EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA

“A verdadeira reforma educacional começa no descanso e tem seu início na graça de Deus.” (Douglas Wilson, 2021, p. 33)

Tudo começa e termina em Deus. Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque d’Ele, e por meio d’Ele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois a glória eternamente. Amém! (Bíblia, Romanos 11:33-36). É nessa essência que a Educação Cristã Clássica se fundamenta: a Bíblia e os valores cristãos antes dos clássicos e acima dos clássicos.

No capítulo anterior, expus, de forma concisa, a Educação Clássica e as Sete Artes Liberais, com ênfase no *Trivium* e na Fase da Gramática, mas consoante os Bluedorn (2016, p. 22):

Nossa ênfase é colocada - em todas essas culturas e épocas no que é resgatável para Cristo. Não queremos batizar essas culturas, no todo ou em partes, e chamá-las “cristãs”. Queremos vasculhar o cascalho e guardar só o que puder se conformar à obediência a Cristo e, assim, tornar-se útil para o reino. E há coisas que podem tornar-se úteis. Seguimos o modelo clássico e o método clássico, mas não somos obrigados a seguir os antigos materiais clássicos.

À vista disso, o coração da Educação Cristã Clássica é filtrar todas as coisas e reter somente o que for bom - “Examinem todas as coisas, retenham o que é bom” (Bíblia, I Tessalonicenses 5:21). Em conformidade com este pensamento, as faculdades da mente concedidas pelo próprio Deus nos foram concedidas para que viéssemos a glorificar o Seu nome, para conhecermos a Deus e fazermos Ele conhecido. Wilson aponta que “Gerar uma mente bem treinada certa necessariamente faz parte do dever da educação cristã clássica” e essa mente bem treinada só é possível quando há ‘obediência às Santas Escrituras e verdadeira adoração ao Deus vivo’ (Wilson, 2021, p. 110 e 111).

Assim sendo, o Evangelho é a mensagem mais importante para formar todos os seres humanos dentro da Educação Cristã Clássica, e o manual que nos apresenta essa mensagem como um todo, é a Bíblia. Em II Timóteo 3.15-17, contemplamos as seguintes palavras:

(...) 15 E que, desde a infância, você conhece as sagradas letras, que podem torná-lo sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. 16 Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, 17 a fim de que o servo de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.

Logo, é crucial ter em mente que é uma educação na qual a mensagem central pode ser contemplada por todos, dado que “A revelação das tuas palavras esclarece e dá entendimento aos simples”. (Bíblia, Salmos 119:130).

O evangelho é verdade pública, universalmente válida, verdadeira para todas as pessoas e para a totalidade da vida humana. Não é somente para a esfera pessoal da experiência “religiosa”. Não se trata de alguma salvação transcendente adiada para um futuro indefinido. É a mensagem de Deus sobre como ele está operando para restaurar o seu mundo e a totalidade da vida humana. Ele nos conta qual é o propósito de toda a história e, assim, afirma ser a verdadeira narrativa do mundo. (Goheen; Bartholomew, 2016, p. 26).

Porém, mesmo que seja uma verdade pública, nem todos creem ou têm fé, porque como disse o apóstolo Paulo “a fé não é para todos” (Bíblia, II Tessalonicenses 3:2b). Entretanto, é importante esclarecer outra vez que se não é esta a mensagem que preenche a Educação, então uma outra exercerá a função e certamente será uma mensagem anticristã.

Portanto, uma vez distinguido o núcleo da Educação Cristã Clássica, vale a pena reiterar que em toda a história o ser humano tem sede incessante pelo conhecimento e devido a essa busca, sistemas de civilizações foram criados, e com eles, sistemas educacionais, mediante os quais o ser humano era e continua a ser instruído e guiado em determinadas áreas do conhecimento como já aludido.

Contudo, não podemos nos alimentar de tudo, pressupondo que toda forma de conhecimento é boa e saudável e de que todo argumento é válido. Um aluno que não foi instruído nas palavras primeiro, desde a Fase da Gramática até na formação das ambiguidades que os signos propõem, corre um grande risco de interpretá-los de forma errônea o que leva a deficiências no próximo estágio, a Lógica.

Acrescentando ao já apresentado, educar visa além do conhecimento da gramática. De acordo com Perrin “Educar é o grandioso empenho de transmitir a sabedoria e o conhecimento de uma geração para outra. Envolve descoberta, envolve instrução: é transmissão cultural. A educação absolutamente desordenada não deve nos impressionar”. (2018, p. 8)

Ademais, conforme o mesmo autor: “Nossas experiências são semelhantes: não encontramos o alimento saudável de que precisamos no presente: somos entretidos, mas não alimentados; divertidos e distraídos, mas não instruídos.” (2018, p. 8). É nessa visão que compreendemos que educação é instrução¹⁷.

Ao que foi apresentado, acrescenta-se que:

Para o cristão, o propósito da educação é facilitar o amadurecimento da imagem de Deus e, assim, criar o aluno ou a aluna em verdadeira masculinidade ou genuína feminilidade, a fim de que a criança seja capaz de cumprir seu mandato como criatura em obediência à Palavra de Deus. A partir disso, a educação que provemos aos nossos filhos deve fundamentar-se plenamente na cosmovisão cristã e sujeitar toda disciplina à autoridade da Palavra de Deus como revelada nas Escrituras do Antigo Testamento e Novo Testamento. Portanto, a educação é uma atividade inescapavelmente pactual; na verdade, é um aspecto central do dever do ser humano na aliança com o Senhor. Portanto, negar a nossos filhos tal educação é abandonar nossas responsabilidades como povo da aliança de Deus. (Perks *apud* Wilson, 2021, p. 79)

Sob esse viés, Educação é um processo contínuo, ela faz com que o ser em formação desenvolva constantemente diferentes áreas do conhecimento, e acima de tudo, seja apto a discernir o que é belo e o que é feio, o que é falso e o que é verdadeiro e não relativizar todas as coisas, pois ambos existem. (Bluedorn; Bluedorn, 2016, p. 30).

Além disso, segundo Joseph “A educação é a mais nobre das artes no sentido de que impõe formas (ideias e ideais) não sobre a matéria, como fazem outras artes (por exemplo, a carpintaria e a escultura), mas sobre a mente.” (2008, p. 31). É na Educação Cristã com a aplicação do *Trivium bíblico* que a mente humana é submetida ao governo de Deus, e é ao criador que a criatura retorna - “E não vivam conforme os padrões deste mundo, **mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente** para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.” (Bíblia, Romanos 12:2, grifo meu).

¹⁷ É instrução porque ela não se alicerça no utilitarismo, mas a educação é metalinguagem, ela se volta para si mesma a todo momento, fazendo o ser em formação se autoanalisar e refletir seu próprio progresso educacional, a verdadeira educação ensina o aprendiz a aprender a aprender. Ele analisa suas aprendizagens e falhas, se questiona a todo momento, perguntando-se o que já se tem, de onde veio o conhecimento apresentado, o que precisa ser aprimorado, e por onde começar um novo estudo.

Retomando a importância de compreender o significado original de uma palavra, Clark e Jain destacam:

“Educação” vem de um vocábulo latino, mas a palavra original grega usada no Novo Testamento era *paideia*. Uma educação que fosse verdadeiramente *paideia* significava não somente a transmissão de idéias, mas enculturação: transmissão da cultura inteira. Que cultura era transmitida? Era a cultura da Igreja, que buscava cultivar a piedade, a virtude e a sabedoria conforme o aluno crescesse na graça de Cristo. E era para esse objetivo de transmitir a cultura que o currículo existia. (Clark; Jain, 2021, p. 31)

Sendo assim, a Educação Cristã é sobretudo a integralidade do homem. Ninguém é educado só no intelecto, pois isto é impossível. Como apontam Clark e Jain “A educação não é um assunto meramente intelectual, independentemente do quão centrada no intelecto deva ser, porque os seres humanos não são apenas mentes. Como criaturas feitas à imagem de Deus, somos seres compostos - uniões de alma e corpo”. (2021, p. 55).

A Educação Cristã Clássica, desse modo, em sua completude, é cumprir o primeiro mandamento: “Escute, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Ame o Senhor, seu Deus de todo o seu **coração**, de toda a sua **alma**, de todo o seu **entendimento** e com toda a sua **força**.” (Bíblia, Marcos 12:29-30, grifo meu). É a *paideia* do Senhor.

3.1 A *paideia* do Senhor

O termo “*paideia*” é uma expressão antiga que remete aos gregos, conhecida como a *paideia grega*. Para os tempos antigos, o termo refere-se a:

Os gregos legaram seu conceito de *paideia*, sua visão de que o homem deve ser trabalhado como obra de arte sob padrões de excelência (*aretê*). Em si, a educação é a formação do homem, e não o mero treinamento para fazer coisas (treinamento vocacional). (Perrin, 2018, p. 17)

Vejamos outra definição da *paideia*:

Desde a época dos sofistas, todos os líderes da *paideia* grega, *sobretudo* Platão e Isócretes, concordaram em decidir que a *paideia* não deveria se limitar ao ensino escolar. Para eles, a *paideia* era cultura e consistia na formação da alma humana. Isso é o que diferencia a *paideia* grega do sistema educacional de outras nações: **tratava-se de um ideal absoluto**. (Jaeger *apud* Wilson, 2021, p. 124, grifo meu).

A *paideia*, portanto, era um padrão compreendido como uma educação total do ser, não apenas do intelecto. Como afirma Wilson, era “o ideal mais elevado” (2021, p. 124) e referia-se a uma pessoa absolutamente capacitada para assumir a sua posição de serviço na *pólis*.

Todavia, o que foi considerado na Grécia como uma educação integral, para os cristãos do primeiro século, conforme Wilson, era o que se chamava de “uma pessoa espiritualmente sem entendimento” (2021, p. 124). Desse modo, “Aquilo que seria o mais elevado elogio aos olhos de Aristóteles, para o apóstolo Paulo foi a descrição de uma pessoa cega para as coisas de Deus”. Isto porque: “Ora, a pessoa natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura. E ela não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.” (Bíblia, I Coríntios 2.14). Similarmente, “Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, Deus achou por bem salvar os que creem por meio da loucura da pregação.” (Bíblia, I Coríntios 1.21).

Isto quer dizer que desejar conhecer sem o conhecimento de quem Criou todas as coisas, é ceticismo puro, pois como já mencionado, não existe educação integral à parte de Deus e não existe conhecimento de Deus a partir do momento que Ele é negado nas mentes e nos corações dos seres humanos criados (Bluedorn; Bluedorn, 2016).

É mister evidenciar que “O Apóstolo Paulo não se opôs ao conceito de *paideia*, mas a uma *paideia* fundamentada na sabedoria humana autônoma” e “o que ele fez foi rejeitar a ideia de que a vida intelectual pode, de alguma forma, ser sustentada sem a salvação em Cristo e sem uma palavra segura de Deus”. (Wilson, 2021, p. 125)

Sendo assim, ele não nega os estudos ou o desenvolvimento da intelectualidade (Wilson (2021, p. 125), mas a incredulidade vivida pelos considerados “sábios”. No entanto, devido ao fato de, na sociedade grega, esse conceito ter sido dotado de grande profundidade na educação e os *gregos* por possuírem tantos fragmentos na base religiosa, foram pouco a pouco declinando, e dando lugar a fé cristã do primeiro século que tinha uma convicção baseada em um rochedo sólido, isto é, Cristo. (Wilson, 2021). Este fundamento permanece séculos após séculos e permanecerá eternamente, como afirma as palavras de Gamaliel, um fariseu que foi mestre da lei e muito versado no saber: “(...) Porque, se este plano ou esta obra vem de homens, será

destruído; 39 **mas se vem de Deus, vocês não poderão destruí-los e correm o risco de estar lutando contra Deus.**” (Bíblia, Atos dos apóstolos, 5:38b-39).

Isso foi dito no primeiro século e a mesma mensagem perpassa ano após anos até que se cumpra tudo o que foi escrito, para a glória de Deus.

Após tomar ciência do conceito de *paideia* grega, analisaremos agora, o mesmo termo, mas empregando-o na cultura cristã e referido pelo Apóstolo Paulo ainda no primeiro século - “O apóstolo exigiu nada menos do que o estabelecimento de uma civilização ou cultura cristã. *Paideia* significando enculturação, e não pode ter enculturação cristã sem uma cultura cristã.” (Wilson, 2021, p. 126, grifo meu). Por enculturação entende-se o seguinte:

Visto que propomos uma apropriação distintamente cristã das Artes Liberais, é essencial estabelecer uma perspectiva que tanto comunique nosso ensino como nosso aprendizado. Ensinar e aprender de maneira “cristã” são atos que requerem muito mais que adicionar aulas de Bíblia e um culto à agenda do dia. Estes exigem uma maneira completamente diferente de pensar sobre a educação e sobre a vida em geral. **Agora, alcançar êxito nessa tarefa diante de nós não é menos que estar debaixo da influência de uma visão de mundo e de vida completamente cristã, base de nossos pensamentos, nosso modo de agir e nosso jeito de ser.** (Littlejohn; Evans, 2020, p. 45)

Nesse sentido, para a sociedade cristã do primeiro século, formar um indivíduo em sua completude era central, como também uma comunidade que possuisse uma cultura bem definida e cujo eixo fosse Cristo. Essa cultura era formada por um conjunto de pessoas, e a enculturação não se limitava a um desenvolvimento do saber, mas, como menciona Littlejohn e Evans: “A visão de mundo e de vida está mais para o ato de “agarrar-se”, “absorver”, do que simplesmente saber, entender” (2020, p. 46). Esse processo de apropriar-se de uma cultura era e continua sendo o resultado das:

(...) influências dos pais, professores, pastores, pessoas da mesma idade, televisão, música e até videogames (não necessariamente nessa ordem). **O processo de enculturação é frequentemente passivo e dificilmente discernível. Ela simplesmente acontece.** (Littlejohn; Evans, 2020, p. 46).

Isto posto, a formação da *paideia* do Senhor só era possível por uma formação austera¹⁸ ensinada diariamente por um conjunto de pessoas e cujo objetivo era os mesmos ensinamentos cristãos que antes registrados em rolos de papiro e depois compilados em um único livro, livro este que governa a vida e a comunidade cristã até os dias de hoje, a Bíblia Sagrada. Além disto:

(...) quando a enculturação é proposital ou *ativa*, nós a chamamos de *formação*; e, como educadores, precisamos operar a *formação* espiritual, cultural e intelectual. Novamente, a formação vai além do ensino. Ela inclui tanto a *paideia* (instrução formal) quanto a *nouthesia* de Efésios 6:4¹⁹. É por meio da formação que ajudamos o aluno a reduzir a tendência do dualismo. (Littlejohn; Evans, 2020, p. 47).

O ensino geracional passado de pais para filhos sempre foi algo que fez parte da sociedade como um todo, já foi exposto no presente trabalho que outras civilizações não cristãs também valorizavam esse aspecto, desde a sociedade egípcia até a grega e a romana e o próprio Senhor designa isso na educação dos hebreus. Era responsabilidade familiar ensinar a criança o caminho que ela deveria seguir, para que quando crescesse não se desviasse. (Bíblia, Provérbios 22:6). No novo testamento temos o seguinte conselho do apóstolo Paulo a Timóteo:

14 Quanto a você, **permaneça naquilo que aprendeu e em que acredita firmemente, sabendo de quem você o aprendeu** ¹⁵ e **que, desde a infância, você conhece as sagradas letras, que podem torná-lo sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus.** ¹⁶ **Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça,** ¹⁷ **a fim de que o servo de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.** (Bíblia, I Timóteo 3:14-17, grifo meu)

Os textos acima, “(...) demonstram porque as escolas cristãs clássicas ensinam todas as disciplinas e assuntos como um todo integrado com as Escrituras no centro. Paulo afirma que as Escrituras são proveitosas como fundamento de nossa *paideia* cristã” (Wilson, 2021, p. 127)

Os cristãos não necessitam de algo novo, e não queremos algo novo, a mensagem é Cristo e ponto. É o que já está escrito e não queremos modificar o que está escrito em detrimento

¹⁸ Uma formação rígida e constante.

¹⁹ “⁴ E vocês, pais, não provoquem os seus filhos à ira, mas tratem de criá-los na **disciplina e na admoestação do Senhor.**” (Bíblia, Efésios 6:4, grifo meu). Em outras versões “mas tratem de criá-los na *paideia* do Senhor”.

dos nossos prazeres pessoais. Se a educação na *paideia* do Senhor é disciplina, então a aceitamos e nos alegramos. “Jamais nos cansemos de repetir que **as reivindicações religiosas são absolutas**; e à medida que a fé cristã conquistava o mundo antigo, os cristãos compreendiam **o princípio essencial de que Cristo é a base de toda a vida e de todo o pensamento**” (Wilson, 2021, p. 125, grifo meu).

Portanto, precisamos apenas recuperar as ferramentas pouco a pouco redescobertas, mas sem alterar sua essência. “A verdadeira reforma educacional fundamenta-se na *paideia* de Deus.” (Wilson, 2021, p. 128)

4 METODOLOGIA

A relevância desta pesquisa reside tanto em explicar o que é a Educação Cristã Clássica, como em descrever como é o ensino da língua Inglesa desta perspectiva. Para esse fim, ela se configurou enquanto uma pesquisa de natureza básica que, segundo Silveira e Córdova (2009, p. 34), “Objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.”

Logo, trata-se de uma pesquisa teórica que conforme aponta Demo (2017, p. 20) é “a que é dedicada a reconstruir teorias, conceitos, idéias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos e, em termos mediatos, aprimorar práticas”.

A investigação tem cunho bibliográfico pois “é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de websites” (Fonseca, 2002, p. 32 *apud* Silveira e Córdova, 2009, p. 37).

O trabalho também tem natureza descritiva pois busquei caracterizar o ensino da língua inglesa dentro da Fase da Gramática do *Trivium* a partir da visão defendida pela Educação Cristã Clássica, a qual também foi explicitada no texto.

Para que fosse possível estudar a temática e compreendê-la, utilizei livros e trabalhos de autores distintos. Entre eles, destaco: Introdução à Educação Cristã Clássica de Chris Perrin (2018), visto que familiariza o leitor ao primeiro tópico de análise deste trabalho e ensinando o Trivium, volume 1, de Bluedorn e Bluedorn (2016) e o volume 2 dos mesmos autores (2018) para investigar a Fase da Gramática.

Manacorda (2018) serviu para aprofundar a compreensão sobre a educação na Grécia e em Roma e, para compreender melhor o ensino de Inglês no Brasil, utilizei um artigo de Vilson Leffa (1999). No capítulo consequente, apresentei algumas características do ensino da língua inglesa na perspectiva da Educação Cristã Clássica. Ela é fundamentada em algo verdadeiro, sólido, belo e inabalável e que tem apenas um único objetivo: “não servir nada além do verdadeiro Deus vivo.” (Bluedorn; Bluedorn, 2016, p. 20).

5. O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO BRASIL E O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO CRISTÃ CLÁSSICA

“A tarefa do educador moderno não é derrubar florestas, mas irrigar desertos.”
(C.S Lewis, 2017, p. 20.)

Em primeiro lugar, antes de expor alguns aspectos que fazem do ensino de línguas uma parte central na Fase da Gramática da Educação Cristã Clássica e características desse ensino, é fundamental compreendermos uma síntese da história do ensino de línguas no Brasil.

Tudo começa no período colonial com o ensino das línguas clássicas, o grego e o latim. Essas línguas, além de estudadas como matérias individualizadas, também, eram as que norteavam o ensino de outras disciplinas como menciona Leffa (1999). Todavia, só após a chegada da família real no Brasil as línguas modernas, como o inglês, iniciaram seu processo de inserção, isso por volta de 1808.

Leffa, em seu texto “O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional” (1999) destaca alguns momentos importantes, como a Reforma de Fernando Lobo, em 1892, que reflete o declínio da carga horária do ensino de línguas no Brasil, chegando, inclusive, em 1925 a uma carga horária de 29 horas, menos da metade dos anos anteriores.

Em seguida, o autor aponta para a criação do Ministério de Educação e Saúde Pública e a Reforma de Francisco de Campos, em 1930 a 1931, que tratava da modificação do ensino, formando o ser com uma visão de alguém integral. Simultaneamente a essa visão de ensino, ele cita que, nesse mesmo período, inicia-se a criação das metodologias de ensino.

O método direto foi um método que teve muita repercussão no Brasil e foi introduzido pelo Professor Carneiro Leão, no Rio de Janeiro em 1931, no colégio Pedro II. Com o avanço dos estudos, os métodos se desenvolveram, e mais uma reforma, conhecida como a “Reforma Capanema”, de 1942, aconteceu. Essa reforma, de acordo com Leffa, intentou equipar todas as modalidades de ensino. No entanto, recebeu críticas por alguns que viam nela posicionamentos fascistas. Outrossim, teve forte influência por dividir o ensino em ciclos, e por reforçar o método direto. É nesse processo que se iniciam os anos dourados para o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, anos cuja valorização do ensino de línguas teve o seu ápice.

Em 1961, desencadeou-se a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, a LDB, que estabeleceu a descentralização do ensino. Ela teve importância no que diz respeito

ao ensino de línguas estrangeiras porque, a partir daí, coube aos conselhos estaduais criados, decidir sobre o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, ou seja, instaurou o começo do fim dos anos dourados.

Após 10 anos de decrescimento no ensino de línguas estrangeiras no Brasil, em 1971, foi instituída a nova LDB. Nessa fase, o ensino vai de 12 anos para 11 anos e divide-se o ensino em graus. Houve, nesse momento, ênfase na habilitação profissional o que resultou em uma redução drástica na carga horária do ensino de Línguas estrangeiras (Leffa, 1999).

Outra mudança importante mencionada pelo autor é a criação da nova LDB, em 1996. Nesse ponto, o ensino foi dividido em etapas, e a nomenclatura mudou para ensino fundamental e médio. A partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira deveria ser iniciado. Em 1996, houve a perda de força da procura por um método ideal e, embora não seja o foco citar os métodos já existentes no trabalho, posso dizer que eles foram se desenvolvendo desde 1930 até culminar na ideia de que não existe um método específico para ensinar uma língua estrangeira, mas que todas as contribuições poderiam ser utilizadas a depender do contexto e do público a quem se ensina.

Sob essa ótica, de 1997 em diante o Brasil foi marcado por outras normas e leis que surgiram e mudanças que até hoje influenciam o ensino de línguas estrangeiras no país. Entre elas: a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o terceiro e quarto ciclos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN (1998), por sua vez, foram criados para auxiliar na elaboração curricular, de materiais didáticos e na formação dos professores. Nesse documento são abordados conteúdos obrigatórios e temas transversais. Posteriormente, foi elaborado os PCN + (ensino médio), iniciado para melhorar a qualidade do currículo no ensino médio. Há ainda as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, OCEM, fornecendo suporte ao ensino de línguas estrangeiras no Brasil, com visão interacionista, e fornecendo orientações curriculares para o Ensino médio.

Por fim, a Base Nacional Comum Curricular, BNCC (2018), que é uma referência curricular desde a educação infantil até o ensino médio. Ela garante direitos, expõe competências necessárias a cada etapa de ensino e apresenta habilidades a serem trabalhadas dentro de cada componente curricular.

Na configuração atual da educação básica, o ensino de línguas estrangeiras resume-se à obrigatoriedade da língua inglesa a partir do sexto ano: “§ 5º No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa.” (Brasil, 2017).

A Educação Cristã Clássica propõe o alvorecer do amor pelo ensino de uma língua clássica ou moderna desde a primeira infância, especificamente na Fase da Gramática, que se

estende até os 11 e 12 anos, etapa onde os ossos faciais ainda estão em formação, em que a memorização é um dos aspectos fortes e a curiosidade está em potencial.

Existem alguns pontos²⁰ que caracterizam o que a Educação Cristã Clássica enxerga como eixo no ensino de uma língua estrangeira.

Em princípio, a recordação acerca da Fase da Gramática no *Trivium* é precípua. Em assentimento com Wilson (2021, p. 97, grifo meu) “Ensina-se a gramática de todas as disciplinas às crianças mais novas; ensinamos dialética as crianças do ensino fundamental; ensinamos disciplinas retóricas aos alunos do ensino médio.” A gramática, então, é o estágio ensinado a crianças até 11 anos. A fala, a leitura e a escrita, além de vocabulário fornecido por um amplo contato com a literatura²¹, e com a gramática de outras disciplinas é o que, em linhas gerais, chama-se gramática na Educação Cristã Clássica.

Vale ressaltar que para os antigos **a gramática serve antes à fala**; a escrita correta é uma consequência desta. Isso pode nos parecer estranho, já que atualmente o ensino gramatical se aplica quase que exclusivamente em relação à escrita, gerando uma distância cada vez maior entre a fala e a escrita.” (O Trivium de Santo Agostinho, 2021, p. 11).

A gramática está presente desde a primeira infância, como mencionado. Já nos primeiros contatos com os pais, a criança é inserida em um ambiente que vai formar sua fala e o que é dado a ela por audição será verbalizado em tempo propício. Logo, as primeiras leituras quando ainda bebê e de antemão a fala formam uma gramática na criança. Não obstante, a Educação Cristã Clássica anseia por uma expressão harmoniosa, precisa e ordenada²². Outros elementos centrais para o ensino de inglês, são:

Em *inglês*, para o verso e a prosa podem ser aprendidos de cor, e a **memória** do estudante deveria ser alimentada com as mais diversas **histórias** - mitologia clássica, lendas européias, etc. Não creio que as histórias clássicas e as obras-primas de literatura devam ser a matéria bruta sobre a qual praticam-se as técnicas da gramática - trata-se de um erro da educação medieval que não precisamos repetir. As histórias podem ser apreciadas e recordadas em inglês, sendo relacionadas a suas origens em um momento posterior. A **recitação em voz alta** também deveria ser praticada -

²⁰ Outros de igual importância também fazem parte, mas devido a extensão do trabalho, apenas alguns são mencionados.

²¹ Ampla literatura, mas não toda e qualquer literatura.

²² Termos valorizados na Educação Cristã Clássica.

individualmente e em coro; pois não devemos esquecer que estamos fixando os pilares para o debate e a retórica. (Sayers, 2023, p. 64)

A recitação em voz alta é de igual importância. Memória e a literatura são pontos cruciais. E, obviamente, o âmago do ensino das línguas na Educação Cristã Clássica, está no ensino das Escrituras, conforme exponho adiante, ao evidenciar os aspectos fundamentais do ensino de língua inglesa nessa perspectiva.

Destaco oito questões que caracterizam esse ensino:

- **Ensino das Escrituras**

É no ensino das Escrituras que a Educação Cristã Clássica se alicerça. Nada se iguala ou é mais sublime que esse conhecimento. Assim, é pelo ensino das Escrituras que a instrução na *paideia* do Senhor acontece. Considera-se instrução, porque:

Tudo o que instrui leva a Deus por um caminho seguro. Toda verdade autêntica é, por si mesma, eterna, e sua eternidade orienta-nos à Eternidade de que ela é uma revelação. Através da natureza e da alma, para onde podemos ir senão a sua origem? Se não chegamos até ela é porque houve um desvio no caminho. Com um salto, o espírito inspirado e reto transpõe os graus intermediários e, a **toda questão que surge para ele, sejam quais forem as respostas particulares que apresente, uma secreta voz responde: Deus!** (Sertillange, 2019, p. 47).

Se todas as questões, se todo o conhecimento aponta para Deus, então todas as disciplinas são interligadas em similitude, nenhuma superior a outra, mas em sintonia, como uma melodia primorosa. Levando-nos a próxima essência.

- **Deus em todas as matérias, o inglês buscando gramática de outras matérias para ensinar.**

Deus, como Criador Supremo de todo o conhecimento, precisa ser contemplado em todas as matérias e isso é realizado na medida em que os conteúdos trabalhados sempre apontam

para a Criação e para a Obra Redentora do Senhor. Como um todo completo e exemplar que é, Deus nos guia a não fragmentar nada, mas a conectar uma coisa com a outra: os planetas estudados na Ciência apontam para a Criação Divina, os números na Matemática são estudados em face de sua existência na natureza criada e assim acontece nas demais matérias. Há coerência e o aluno consegue perceber isto.

Na verdadeira educação liberal, e segundo Newman, a atividade essencial do estudante é relacionar os fatos aprendidos num todo unificado e orgânico, assimilando-os tal como um corpo assimila alimento, ou, ainda, como a rosa assimila nutrientes do solo e daí cresce em tamanho, vitalidade e beleza. Um aprendiz deve usar algo como colchetes mentais, com os quais ligue os fatos entre si de modo a formar um todo significativo. Isso torna o aprendizado mais fácil, mais interessante e muito mais valioso. O acúmulo de fatos é mera informação e não merece ser chamado educação, pois sobrecarrega a mente e a estultifica, em vez de desenvolvê-la, iluminá-la e aperfeiçoá-la. Mesmo quando alguém esquece muitos dos fatos que uma vez aprendeu e relacionou, a sua mente retém o vigor e o aperfeiçoamento que obteve ao neles se exercitar. Porém a mente faz isso somente porque lida com fatos e ideias. Ademais, é muito mais fácil lembrar ideias associadas do que ideias sem conexão. (Joseph, 2008, p.31-32)

Porém, essa união só é possível quando o ensino é integral: corpo, alma, coração e entendimento. Se houver divisão do ser fazendo dele apenas mente ou coração, não mais existe integralidade. A *paideia* do Senhor, ou seja, um ensino integral, portanto, é o que coexiste com a completude de todas as disciplinas trabalhando em aliança.

- **Ensino integral**

Deus, por ser um ser perfeito, criou o ser humano a sua imagem e semelhança, fazendo dele intrinsecamente um ser complexo. Essa profundidade existe porque as pessoas são mais do que uma mente ou um corpo. Então, quando se educa não se alcança apenas o intelecto, mas a natureza de forma completa.

Contudo, devido ao pecado, assunto já mencionado, essa integralidade do ser se tornou deturpada e na maioria das vezes não compreendida e quando estudada é colocada nela uma idolatria que retira quem a Criou. Mediante isso, o ensino integral na Educação Cristã Clássica jamais pode acontecer fora do conhecimento de Deus, porque só se é um todo completo, quando o homem conhece Aquele que o criou e quando se entrega para Ele o que é devido, ou seja, a

própria vida. Para mais, como o intelecto com todas as suas funções é parte desse processo, a memorização que compõe a mente também o é. Quando se grava o que conhece, então em tempo oportuno, o conhecimento vem. E que maior excelência é encontrada no uso dessa ferramenta se não em memorizar o que a Bíblia diz? Portanto, memorização e repetição são as ferramentas dadas por Deus para conhecermos melhor quem Ele é, o que fez, faz e ainda fará.

- **Ênfase na memorização e repetição**

Para os Hebreus, o próprio Deus ordenou que suas palavras fossem cravadas neles por meio da memorização (Bíblia, Deuteronômio 6:4-9) e essa tarefa acontece no ordinário da rotina. É na rotina constante de aprendizado das palavras de Deus, do vocabulário em inglês dado por música, leitura ou outra exposição que a memória mais vívida é esculpida em obra prima.

Apropriar-se-á destas partes a memória, a qual tanto muitos dos gregos como o Mestre Túlio Cícero afirmam ser da primeira necessidade ao orador. Sobre ela disseram se não me engano, estas palavras: **“Venho agora ao repositório de todas as coisas, a memória, que, se não for usada como guardiã das coisas encontradas e ordenadas, compreendemos que todos os pensamentos do orador, mesmo que fossem brilhantes estariam destinados a desaparecer.”** (O trivium de Santo Agostinho, 2021, p. 131)

Mas como uma estrutura organizada se estabelece do todo para as partes? Do difícil para o mais fácil? Nessa perspectiva, em uma ordem coerente, que leva o aluno do concreto ao abstrato é o que se estabelece em todas as disciplinas, incluído o ensino do inglês e a forma de alfabetização.

- **Do concreto ao abstrato**

Um dos aspectos abordados na Educação Cristã Clássica é apresentar à criança os elementos concretos antes dos abstratos. Não se ensina sobre a estrutura gramatical, agora referindo-se a estrutura em si, a alguém que ainda não aprendeu o que antecede esse ensino (seja ele qualquer que seja a estrutura gramatical escolhida). Os alunos aprendem, por exemplo,

substantivos concretos antes de palavras mais abstratas. Não se lança colunas a uma construção sem base, não se faz acabamentos enquanto não tem estrutura fixa, sendo assim das partes ao todo é o ensinam a Educação Cristã Clássica. Outra questão importante é o fato de partirmos da fonética à escrita. Nesse modelo a alfabetização em língua estrangeira e, portanto, também em língua inglesa parte do estudo dos sons para posteriormente o trabalho com a escrita.

- **Alfabetização fônica**

Por se tratar do todo para as partes, a Educação Cristã Clássica, baseada em várias pesquisas de neurociências, aponta que é na alfabetização fônica que as crianças aprendem a ler e escrever (Benedetti, 2020).

Uma conclusão recente das pesquisas em neurociências cognitivas é a de que não existe uma dezena de maneiras de converter o cérebro primata em leitor experiente. De fato, não existe senão uma solução, uma só via de aprendizagem [método fônico] (Dehaene apud Benedetti, 2020, p. 21).

A alfabetização fônica na língua inglesa, portanto, é antecedida e acompanhada sempre pelas leituras literárias, despertando outras funções primordiais para o aprendizado, como, criatividade, imaginação e deslumbramento. A literatura é um dos grandes recursos que motiva esses despertares.

- **Literatura**

É na literatura que a língua escrita se torna uma verdadeira obra de arte. As palavras mais belas são encontradas, as discussões mais interessantes podem ser estudadas e os assuntos mais difíceis podem ser abordados. As histórias fazem parte da vida humana, pois por natureza somos contadores de histórias. Essa é uma das principais razões por termos a literatura na fase da gramática, as crianças aprendem sobre virtudes e valores, verdades e mentiras apenas pela

contação de literaturas consideradas boas nessa perspectiva. Por isso, ela é requisito na etapa da gramática e no ensino da língua inglesa.

- **Deslumbramento**

Para tratar da última característica, retornemos ao início, as Escrituras. É nela que nasce e flui toda fonte de deslumbramento acerca de todo conhecimento. Sobre o deslumbramento, ressalta-se:

Toda escola cristã deve adotar um deslumbramento implícito, absoluto, como de uma criança diante da glória das Escrituras. Devemos ser o povo da Palavra, conhecendo-a de capa a capa, de trás para frente. E precisamos estar decididos de antemão a não termos nenhum problema com nenhuma passagem da Escritura, uma vez que o seu significado tenha sido analisado e definido mediante uma exegese honesta. Entre outras coisas, quero dizer que os cristãos devem estar preparados para rejeitar e condenar a sodomia, abraçar a doutrina da Criação do Gênês, a dizer que o marido é o cabeça de sua esposa, acreditar em gigantes e dragões, e crer na arca de Noé - se necessário, mesmo com a visão de uma girafa com a cabeça para fora da janela. A palavra de Deus é pura. E digo mais: a ideia de pureza da “palavra suprema” é, na verdade, inescapável. Todas as criaturas, inevitavelmente, buscam o conceito de “supremo” em algum lugar. Sendo assim, por que não buscar na palavra de Deus? A única alternativa existente é a palavra de meros mortais. A metodologia de “não levar prisioneiros para casa” é a única alternativa plausível para o cristão. (Wilson, 2021, p. 114, grifo meu)

Há tantas outras ramificações para o ensino de línguas que está presente na Educação Cristã Clássica, mas esses susoditos são a base do ensino da língua inglesa na fase da gramática no *Trivium* dentro da Educação Cristã e Clássica. Mas a suma é “A fonte real de toda a bondade²³ não se encontra nos gregos ou romanos, medievais ou renascentistas, na Reforma ou no iluminismo, mas na Bíblia.” (Bluedorn; Bluedorn, 2016, p. 242). Portanto:

*Vive Deo ut vivas*¹²⁴

²³ E nesse contexto, também de toda a educação.

²⁴ *Vive Deo ut vivas* é uma expressão associada à família Craig e que significa: “Viva para Deus para que você possa viver”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu após constatar por meio de experiências cotidianas dentro e fora da Academia que os alunos, após passarem anos em uma escola pública ou privada, relatam que não conseguiram aprender inglês e precisam recorrer a um curso ou professor particular. A realidade brasileira é que nem o verbo *to be* os alunos aprendem embora passem 8 anos estudando e essa penosa realidade do ensino da língua inglesa permanece ano após ano.

A Educação Cristã Clássica, portanto, retoma o modelo que formou as maiores mentes da história, inclusive nos idiomas. É uma educação que visa formar o ser nos estudos do *Trivium* e *Quadrivium* e com um único propósito, viver uma vida que glorifique a Deus.

Os objetivos dessa pesquisa foram: Primeiro, diferenciar Educação Cristã de Educação Clássica. Esse objetivo foi alcançado após apontar as principais diferenças que ambas possuem, sendo a principal o discipulado cristão com o ensino da pessoa de Jesus Cristo e de Sua palavra que só acontece na Educação Cristã. Segundo, apresentar o que é o *Trivium* e a Fase da Gramática na Educação Clássica. O fim desse objetivo foi alcançado após apresentar as três formas do *Trivium*, sendo eles: *clássico*, *aplicado* e *bíblico*. Além disso, a exposição do que é a Fase da Gramática dentro da Educação Clássica foi informada. Terceiro, expor a relevância de iniciar o ensino da língua inglesa na Fase da Gramática. Objetivo atingido por conseguir no tópico da Fase da Gramática mostrar porque esse é o estágio adequado para o começo do aprendizado de uma Língua estrangeira, em especial, a língua inglesa. Quarto, evidenciar características do ensino da língua inglesa na perspectiva da Educação Cristã Clássica, o que fez ao apontar oito características principais que informam como a língua inglesa é abordada na perspectiva da Educação Cristã Clássica.

Considerando a preocupação inicial com os caminhos educacionais brasileiros, e propondo-me a responder as perguntas: Qual a diferença entre Educação Cristã e Educação Clássica? O que é o *Trivium* e a Fase da Gramática? Por que é significativo começar o ensino da língua inglesa na Fase da Gramática? Como as características do ensino da língua inglesa são apresentadas na perspectiva da Educação Cristã Clássica? A Educação Cristã Clássica se faz imprescindível para se estudar neste momento porque ela visa, como já explicado, não ensinar apenas o inglês com versículos bíblicos, mas possui um modelo sólido de fundamentação filosófica; antropológica, cristã aplicada; epistemologia educacional e proposta curricular estruturada fundamentada nas Artes Liberais.

Observando e estudando os passos que outros já deram na história, é possível examiná-los e caminhar por caminhos que sejam seguros e sólidos.

No entanto, é importante frisar que diante da pesquisa bibliográfica realizada, especificamente na consulta de livros, como: *Moldando mentes e corações* de Monica e Shawn Whatley (2019), ainda existe um longo caminho a ser percorrido. Além disso, por se tratar da reconstrução de um modelo antigo de ensino são necessários mais estudos e pesquisas a serem publicados, uma vez que os materiais são poucos, especialmente, na área da Linguística. Entendo que, para a publicação desses materiais, é preciso mudar os caminhos formativos dos alunos e dos professores brasileiros também. Levando isso em conta, conhecer Jesus Cristo e a Sua Palavra, além de ter uma formação sobre as Sete Artes Liberais é primordial para que haja a produção de mais artigos, livros e materiais outros com a finalidade de obter mais precisão e clareza ao abordar a Educação Cristã Clássica e ao aplicá-la em salas de aula do Brasil.

Por fim, declaro o mesmo que Milton:

O fim da educação é, reparando as ruínas de nossos primeiros pais, reaver o correto conhecimento de Deus e, a partir daí, amá-lo, imitá-lo, ser como Ele, de modo a encher o máximo possível nossa alma com a verdadeira virtude, que, unida à graça celestial da fé, compõe a mais alta perfeição.” (Milton *apud* Perrin, 2018, p. 65).

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Kátia Simone. **A falácia socioconstrutivista**. São Paulo: Kírion, 2020.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. 3ª Edição. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Presidência da República, 1996.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017. **Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Presidência da República, 2017.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BLUEDORN, Harvey; BLUEDORN Laurie. **Ensinando o Trivium**: estilo clássico de ministrar a educação cristã em casa. Volume 1, O trivium teórico. Brasília :Monergismo, 2016.

BLUEDORN, Harvey e Laurie. **Ensinando o Trivium**: estilo clássico de ministrar a educação cristã em casa, volume 2, o trivium prático. Brasília :Monergismo, 2018.

CLARK, Kevin. JAIN, Ravi. **A tradição das Artes Liberais**. São Paulo: Kírion, 2021.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2017.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística**: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2010.

GERHARDT, Tatiana. SILVEIRA, Denise. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2009.

GOHEEN, Michael; BARTHOLOMEW, Craig. **Introdução à cosmovisão cristã**. São Paulo, Vida Nova, 2016.

JOSEPH, Irmã Miriam. **O trivium, as artes liberais da lógica, da gramática e da retórica**. São Paulo: É Realizações, 2008.

LEFFA, Vilson J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional**. São Paulo: Contexturas, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

LEWIS, C.S. **A abolição do *homem***. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LITTLEJOHN, Robert; EVANS, T. Charles. **Sabedoria e eloquência**. São Paulo: Trinitas, 2020.

MANACORDA, Mário. **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTELOTTA, Mário. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2024.

Maxwell's collection. **HISTORY OF ENGLISH LANGUAGE 1**, birth of a language. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3UqzBA1LNbE>

Maxwell's collection. **HISTORY OF ENGLISH LANGUAGE 2**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TJ15m59sFrw>

PAIVA, Vera. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

PERRIN, Chris. **Introdução à Educação Cristã Clássica**. São Paulo: Trinitas, 2018.

SAYERS, Dorothy. **As ferramentas perdidas da aprendizagem**. São Paulo: Kíriion, 2023.

SERTILLANGE, A.D. **A vida Intelectual**. Campinas - São Paulo: CEDET, 2019.

SWANSON, Kevin. **The story of freedom**. Generation, 2022.

WHATLEY, Monica; WHATLEY, Shawn. **Moldando mentes e corações**. São Paulo: Trinitas, 2019.

WILSON, Douglas. **Em defesa da Educação Cristã Clássica**. São Paulo: Trinitas, 2021.